

SAMUEL GONÇALVES PINTO

**RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, TRABALHO E LAZER: O CASO
DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2008

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

P659r
2008

Pinto, Samuel Gonçalves, 1981-
Relações entre família, trabalho e lazer : o caso dos
professores da Universidade Federal de Viçosa / Samuel
Gonçalves Pinto. – Viçosa, MG, 2008.
xiii, 82f.: il. (algumas col.) ; 29cm.

Orientador: Karla Maria Damiano Teixeira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 77-82.

1. Lazer - Aspectos sociais. 2. Trabalhadores -
Recreação. 3. Estilo de vida. 4. Sociologia do trabalho.
I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

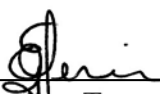
CDD 22.ed. 306.4098151

SAMUEL GONÇALVES PINTO

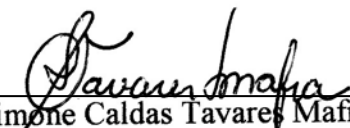
**RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, TRABALHO E LAZER: O CASO
DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE VIÇOSA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

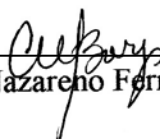
APROVADA: 27 de maio de 2008.



Prof.^a Eveline Torres Pereira
(Co-Orientadora)



Prof.^a Simone Caldas Tavares Mafra
(Co-Orientadora)



Prof. Carlos Nazareno Ferreira Borges



Prof.^a Neuza Maria da Silva



Prof.^a Karla Maria Damiano Teixeira
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa (UFV), por intermédio do Departamento de Economia Doméstica, pela possibilidade da realização do Curso de Mestrado, permitindo estabelecer conexões entre minha área de formação com o objeto de estudo do programa, a família.

À minha orientadora Professora Karla Maria Damiano Teixeira, pelo aprendizado, pela dedicação, tolerância e sinceridade, imprescindíveis na realização deste trabalho.

À Professora Roseny Maria Maffia, por me fazer consolidar a cada dia minha aproximação com minha área de formação, a partir de sua competência e clareza, bem como por permitir o compartilhar de momentos singulares de aprendizado, amizade e cumplicidade, a partir de suas palavras e gestualidades, enfim, por exercer influência permanente na minha forma de percepção do meio em que me insiro.

À Professora Silvia Maria Saraiva Valente Chiapeta, pelo olhar atencioso, pelo carinho, pelas intervenções sinceras e pontuais, pelo afago, pelo respeito e por interferir diretamente nas minhas leituras sobre a realidade, sobre o saber, sobre o conhecimento.

À Professora Eveline Torres Pereira, por fazer parte do início ao fim desta empreitada, da elaboração do projeto de seleção para o Programa até a defesa desta dissertação, por permitir e mediar minha proximidade com a temática de meu trabalho e, principalmente, por me fazer acreditar, a partir de sua postura, na docência do ensino superior.

À Professora Alba Pedreira Vieira, por acreditar no meu potencial e me apresentar as discussões do Lazer, por me mostrar que o fim pode significar um recomeço e que a essência das pessoas é algo que permanece e se apresenta nas expressões e contornos do corpo.

À Professora Simone Caldas Tavares Mafra, pela disponibilidade e pelas pontuais considerações na elaboração deste trabalho.

À Professora Neusa, pelas considerações e contribuições imprescindíveis na elaboração deste estudo.

Ao Professor Carlos Nazareno Ferreira Borges, pelas sábias palavras empregadas e por estar presente em momentos de apreensão do conhecimento, subsidiando pensamentos e ações.

À Professora Vivianne Delfino Albuquerque, pela disposição constante em diversos momentos, pelo olhar atencioso e pelas intervenções tão importantes para esta pesquisa.

Aos professores que fizeram parte de minha formação, interferindo na forma em que percebo o conhecimento, em especial à Professora Maria Aparecida Sperancini, Professora Ranah Menezenco, Professor Pedro Alves Paiva, Professora Marizabel Kowalski, Professora Andréa Moreno e Professor Sílvio Ricardo da Silva.

Aos meus irmãos e aos meus pais, pelos momentos de presença e ensinamentos, condicionantes do meu modo de portar diante do cotidiano, pela transitoriedade, pelos conflitos e, principalmente, pela reciprocidade.

Ao Faculdades Sudamérica, em especial ao Professor Adalberto Rigueira, pelo auxílio nos momentos difíceis, pela amizade e por acreditar na minha capacidade profissional.

À Faculdade Ubaense Ozanam Coelho, em especial ao Professor Marcelo Andrade e à Professora Maria Imaculada Martins, pelo apoio.

Aos meus amigos do Mestrado, em especial a Iglesias, pelo olhar de imensa profundidade, pelas palavras, pelo tocar; ao Elisson, pela presença e por compartilhar de momentos especiais; e ao trio da ECD: Bia, Celina e Simone, pelo companheirismo e apoio.

À minha amiga Dalva Sonhosa Soares, por me conhecer de forma única, por permitir idealizações de sonhos, ressignificações de valores, crenças e ideais, por me apresentar sentimentos diversos e por me mostrar o sentido da quietude.

Aos presentes que a vida mostrou... recentes, aos de muito tempo..., pelo carinho, pela cumplicidade e pelo companheirismo (em ordem alfabética...): Andréa Yamamoto, Angelino Fernandes, Breno César, Fábio Martins, Fábio Lima, João Paulo Fernandes, Lucilene Alencar, Marie Tavares, Kátia Bortone, Lucilene Alencar, Magnus Francisco, Marcela Ramos, Maria Augusta, Maria Carolina, Mariana Dornelas, Michelle Martha, Mauro Gouveia, Raphael Pereira, Renato Alan, Rodrigo Fernandes, Rosa Teixeira, Stella Maia, Valdilene Nogueira e Vanessa Sabbioni.

BIOGRAFIA

SAMUEL GONÇALVES PINTO, filho de Francisco Antônio de Arruda Pinto e Almenara Ribeiro Bravo Gonçalves, nasceu em Viçosa, MG, em 20 de dezembro de 1981.

Em julho de 2004, graduou-se em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa, MG. Durante a graduação, atuou na área de Extensão, como bolsista da Prefeitura Municipal de Viçosa/PMV, e de pesquisa como bolsista de iniciação científica do Pibic/CNPq. Sua monografia de final de curso foi na área de Lazer.

Em 2006, concluiu o Curso de Especialização em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em maio de 2006, iniciou o Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, em Economia Doméstica – Área de concentração em Economia Familiar, da UFV, submetendo-se à defesa da dissertação em maio de 2008.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
1. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	6
2.2. Interface família-trabalho-lazer	6
2.2.1. A família enquanto instituição social	6
2.1. O lazer no cotidiano do indivíduo	9
2.1.1. O lazer: diferentes perspectivas ao longo da história	9
2.1.2. O conceito de lazer	14
2.1.3. Caminhos traçados pela família: a questão do Trabalho e do Lazer	21
2.2. Interface Família-Trabalho-Lazer	28
2.2.1. Trabalho e Lazer: discussões sobre tempo e atitude	28
2.2.1.1. A questão do tempo	29
2.2.1.2. A questão da atitude	32
3. METODOLOGIA	40
3.1. Local de estudo: a Universidade Federal de Viçosa	40

	Página
3.2. População e amostra.....	42
3.3. Métodos de coleta e análise dos dados.....	42
3.4. Descrição e operacionalização das variáveis de análise	43
3.4.1. Variáveis relacionadas ao perfil pessoal do professor	43
3.4.2. Variáveis associadas ao perfil familiar	43
3.4.3. Variáveis associadas à caracterização das práticas de lazer.....	44
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
4.1. Perfil pessoal e familiar do professor.....	45
4.2. Caracterização das práticas de lazer no cotidiano pessoal e familiar dos docentes	49
4.3. Contextualização do tempo das vivências de lazer no contexto familiar e laboral dos professores	56
4.4. A atitude dos professores quanto às vivências de lazer	59
4.5. Relações entre trabalho, lazer e família	64
4.5.1. Relações entre lazer e trabalho.....	64
4.5.2. Relações entre lazer e família	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	74
7. REFERÊNCIAS.....	77

LISTA DE TABELAS

	Página
1. Perfil demográfico dos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008	46
2. Distribuição dos professores entrevistados, por departamento, Viçosa, MG, 2008	47
3. Vínculo empregatício dos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008...	48
4. Atividades desenvolvidas nos momentos de lazer pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008	51
5. Correlação entre atividades desenvolvidas nos momentos de lazer e o perfil demográfico dos professores, Viçosa, MG, 2008	52
6. Correlação entre momento de realização das atividades de lazer e perfil demográfico dos professores, Viçosa, MG, 2008	53
7. Correlação entre momento de realização das atividades de lazer e características do vínculo empregatício dos professores, Viçosa, MG, 2008.....	54
8. Correlação entre atividades desenvolvidas nos momentos de lazer e o Centro de Ciências em que o docente se encontra, Viçosa, MG, 2008	55

LISTA DE FIGURAS

	Página
1. Tempo dedicado ao lazer nos finais-de-semana pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008.....	57
2. Tempo dedicado ao lazer durante a semana pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008.....	57
3. Locais de realização das atividades de lazer dos professores, Viçosa, MG, 2008	63
4. Sujeitos com os quais os professores interagem nos momentos de lazer, Viçosa, MG, 2008	68

RESUMO

PINTO, Samuel Gonçalves, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2008.
Relações entre família, trabalho e lazer: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa. Orientadora: Karla Maria Damiano Teixeira.
Co-Orientadoras: Eveline Torres Pereira e Simone Caldas Tavares Mafra.

O crescente avanço da tecnologia, da busca pela estabilidade financeira e da concorrência no mercado de trabalho fazem que as pessoas se distanciem das vivências efetivas de lazer, dificultando o acesso a novas opções, bem como a realização de atividades pessoais e familiares, como estar com os filhos, com os familiares e o próprio cuidar de si. Essa dificuldade está presente no cotidiano dos professores universitários. O ato de lecionar, conceder orientações, coordenar atividades, gerenciar projetos, tomar decisões e ações, participar de eventos científicos e reuniões institucionais fazem parte do cotidiano de trabalho do professor universitário que, em muitos momentos, apresenta dificuldades em administrar diferentes demandas e, conseqüentemente, reduz ou elimina as atividades de lazer de sua rotina. O objetivo deste estudo foi analisar o lazer no cotidiano pessoal e familiar dos professores da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Foram aplicados questionários, fundamentados em um roteiro semi-estruturado, a 265 professores dos diferentes Centros de Ciências, sendo a amostra selecionada aleatoriamente. Os dados quantitativos foram tabulados e analisados em termos de média, frequência e correlação entre as variáveis, sendo empregado o Stata Statistical Package for Social

Sciences (SPSS). Os dados qualitativos foram transcritos, categorizados e analisados com a utilização do *MaxQda*. Os resultados indicaram que o lazer, em alguns momentos, deixa de existir para os professores por uma série de motivos, a saber: o tempo, o espaço físico, a política de oferecimento de atividades e as questões de faixa etária, gênero, espaço e econômicas. A relação das pessoas com o tempo sofre influência de uma série de fatores, sendo essa relação muito individual. Para pensar o tempo, tem-se que refletir sobre a lógica das exigências do trabalho, das obrigações familiares, acadêmicas, do meio em que está inserido e também das características pessoais das pessoas. Conclui-se que os professores da UFV consideram a existência do lazer sem desconsiderar sua cultura e sua formação profissional, mas têm grande dificuldade em dedicar tempo a esse tipo de vivências. Trabalho, lazer e família estabelecem relações interligadas, e a questão do tempo e da atitude permitirá e dará direcionamento às prioridades, diante das necessidades, desejos e obrigações pertinentes ao indivíduo.

ABSTRACT

PINTO, Samuel Gonçalves, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, May 2008.
Relationships between work, family, and leisure: the case of university teachers of the Universidade Federal de Viçosa. Adviser: Karla Maria Damiano Teixeira. Co-advisers: Eveline Torres Pereira and Simone Caldas Tavares Mafra.

The continuous advancement of technology, the pursuit for financial stability and competition in the job market drive people away from actual leisure experiences. These conditions also hinder access to new choices and personal and family activities, including spending time with children and relatives and even minding your own wellness. These troubles are present in the everyday living of university professors. Teaching, student advising, coordinating activities, managing projects, decision making, taking actions, participating in scientific events and meetings are part of the work routine of university professors. Very frequently, however, these professionals have difficulties in managing such different demands, and, consequently, reduce or eliminate leisure activities from their routine. The purpose of this study was to analyze leisure in personal and family everyday lives of professors of the University of Viçosa (UFV). Semi-structured questionnaires were applied to a randomly selected sample of 265 professors from different science groups. Quantitative data were analyzed in terms of means, frequency and correlation between variables, using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS).

Qualitative data were transcribed, categorized and analyzed using the MaxQda software. Results indicated that, in some moments, professors give up recreation for a number of reasons, including time, the physical space, recreation activities policy and age, gender, spatial and financial issues. The relationship of people with time is affected by a number of factors and is very personal. To ponder the time, one has to think about the logic of work demands, academic and family obligations, the environment someone is in and also one's personal characteristics. In conclusion, professors at UFV consider leisure without disregarding their education and training, but have great difficulty in devoting time to this kind of experiences. Work, leisure and family establish interconnected relationships, and time and attitude will allow and guide priorities, in the presence of needs, desires and obligations important for the individual.

1. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Durante a minha trajetória acadêmica, como graduando em Educação Física, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Viçosa, MG, o contato com os conteúdos abordados nas disciplinas me aproximaram da área de Estudos do Lazer, que oportunizam o aprofundamento dos conhecimentos por meio de atividades de pesquisa e extensão, bem como participações em eventos científicos relacionados com essa temática.

Ao realizar, durante o referido período, uma pesquisa de iniciação científica, intitulada: “Razão e Emoção: o lazer dos professores da Universidade Federal de Viçosa”, cujo objetivo era analisar as vivências de lazer, a ocorrência dessas práticas, os locais onde elas se configuravam e a relação delas com a esfera do trabalho, foi possível perceber que os momentos de lazer se fizeram presentes na vida dos professores, tendo sua existência atrelada à transposição de, principalmente, duas barreiras: o **tempo**, no sentido das obrigações a serem cumpridas no trabalho e na família; e o **espaço**, relacionado às opções de lazer e aos equipamentos disponíveis no município.

Os professores, na maioria das vezes, nas suas vivências de lazer buscavam estar acompanhados de outras pessoas, como o envolvimento da família nessas práticas. O lazer era encarado como uma válvula de escape da rotina diária, além de representar a possibilidade de estar com familiares, o que trazia à tona sentimentos de descanso, divertimento e prazer.

Mas essa prática presente na vida dos professores, apesar de ser realizada nos períodos de folga, andava lado a lado com as responsabilidades do trabalho, supervalorizadas, de acordo com a lógica de produção e desenvolvimento. Em outras palavras, os professores, nos momentos de lazer, permitiam que correção e preparação de provas, trabalhos, seminários e pesquisas virassem situações presentes no fim-de- semana. Em outros momentos, realizavam atividades que desenvolveriam habilidades utilizadas no trabalho, como a leitura e filmes – relacionadas com a vivência intelectual, em que as bases do pensamento podiam ser estruturadas –, bem como transformavam as festas em reuniões de trabalho, quando posicionamentos e decisões eram tomadas.

O desenvolvimento e conclusão da pesquisa me suscitaram outros questionamentos acerca da organização e necessidades de lazer dos sujeitos, acompanhadas das esferas do trabalho e da família. Ou seja, como o trabalho influencia a existência do lazer na estrutura familiar? Diante das obrigações e limitações, de que forma o sujeito trata da questão da organização do tempo, nas suas esferas de atuação? De que maneira os membros da família se apresentam e se posicionam nas vivências de lazer, na determinação das opções, objetivos e interesses? Acredito que não seja possível desvincular as esferas de trabalho, lazer e família como se fossem realidades estanques, já que são inter-relacionadas, que se interagem, seja no aspecto temporal, seja nos sentimentos vivenciados.

A relação estabelecida entre família, trabalho e lazer não foi, dessa forma, contemplada na referida pesquisa. Em outras palavras, as vivências no âmbito do trabalho e do lazer não foram associadas à dinâmica interna da família, espaço onde situações, trocas e acontecimentos delimitam e condicionam o cotidiano dos envolvidos.

O crescente avanço da tecnologia, da busca pela estabilidade financeira e da concorrência no mercado de trabalho faz que as vivências efetivas de lazer se abalem e dificultem o acesso a novas opções de lazer, bem como a realização de atividades relativas ao âmbito familiar, como estar com os filhos e com os familiares e o próprio cuidar de si.

No caso do professor universitário, o ato de lecionar, conceder orientações, coordenar atividades, gerenciar projetos, tomar decisões e ações, participar de eventos científicos e reuniões institucionais faz parte do seu cotidiano de trabalho, de tal forma que, em muitos momentos, apresenta dificuldades em adequar essa jornada

de serviços às outras esferas de sua vida, como a família e o lazer, tendo em vista a lógica de rendimento e resultado presente no sistema se apresenta e no qual eles estão inseridos.

A rotina de trabalho dos professores, acompanhado pelo universo doméstico e pela lógica da produção, leva ao questionamento da relação que as pessoas têm com o lazer, sem desconsiderar as barreiras que se apresentam ao lazer, como a violência, bem como as questões de faixa etária, de gênero, estereótipo, espaço e econômicas (MARCELLINO, 2000). Nesse sentido surgem indagações quanto ao lazer desses profissionais. Será que sobraria tempo para o lazer, tendo em vista essa busca da Academia pela produção de profissionais? e até que ponto o tempo dedicado ao lazer não estaria deixando de lado a produção de conhecimento? E o que seria feito nesse tempo? Com que objetivos? Quais as relações entre trabalho e lazer?

O atual contexto da sociedade é envolto pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, da indústria do entretenimento e de uma supervalorização do trabalho. Esse contexto é permeado também por um sentido de utilidade e produtividade, que leva os indivíduos a se distanciarem cada vez mais do lazer como prática efetiva.

Seja no âmbito acadêmico, seja em discussões empresariais ou em reuniões sindicais, a relação lazer/trabalho/tempo livre tem ganhado merecido destaque em discussões, pois envolve milhões de pessoas, em diferentes aspectos de sua vida, sujeitas, assim, à transmissão de interesses e ideologias. A presença do lazer no cotidiano dos indivíduos se apresenta em determinados momentos associado à questão da qualidade de vida, ou seja, as atividades realizadas no tempo livre se relacionam com sensações ligadas ao bem-estar, prazer, satisfação e descanso.

Em estudo das representações sociais e as experiências de lazer no Município de Viçosa, Pimentel e Ribeiro (1995) constataram que grande parte da população da cidade se mostra insatisfeita com os poucos espaços de lazer existentes, pois estes não possibilitavam as práticas de preferência do grupo analisado, como: teatros, cinemas, eventos ligados a artes e música, bem como à má utilização e administração de vários equipamentos presentes no espaço físico da cidade, seja na iniciativa pública ou privada.

O Município de Viçosa não apresenta uma política de lazer bem definida, sendo que as atividades desenvolvidas se revelaram como um calendário de eventos que contemplam uma pequena parte da população (PIMENTEL; SILVA, 1996; PINTO, SILVA, 2004). As vivências oferecidas não mostram interações entre as

diferentes faixas etárias, grupos e classes sociais, não existindo um trabalho de reordenação do espaço e a não-preocupação de relacionar família e lazer na agenda das políticas públicas.

No cotidiano da família, constrói-se e é formulado o modo de relação com os indivíduos e com a realidade em que se inserem. Realidade que mostra regras e valores, modos de conduta, vontades, anseios e a partir da qual são construídos caminhos de interesse e atuação, seja no trabalho, seja no lazer. Dessa maneira, papéis e formas de representação são estabelecidos, ou seja, os sujeitos se configuram nesse cenário de acordo com suas necessidades, interesses e lógica de relacionamento. Outrossim, a administração de diferentes experiências leva a uma variância maior no inter-relacionamento entre os diferentes ambientes (familiar, laboral e de lazer) ao longo do tempo e do espaço (DAMIANO TEIXEIRA, 2004).

Nesse sentido, é importante compreender a família. Moura (2001) afirmou que as famílias são grupos sociais dinâmicos, construídos histórica e socialmente porque estão em constante transformação devido a processos demográficos – nascimento, casamento e morte – e a processos socioeconômicos. A relação da família com o meio circundante faz que esta não seja analisada sem se levarem em consideração as influências mútuas. Portanto, problematiza-se que a família, o lazer e o trabalho se interpenetram e estabelecem graus de influência uma sobre as outras esferas, continuamente. As relações e sentidos apresentados por essa influência são construídos histórico-culturalmente, e aspectos como a provisão familiar, o número de filhos, a renda familiar, o grau de instrução e a área de formação podem determinar a ocorrência das práticas de lazer.

O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre família, trabalho e lazer, bem como verificar a questão do “Tempo” – momento em que as vivências se apresentam e da “Atitude” – intenção e escolha pelas opções lúdicas – nas práticas de lazer.

Especificamente, pretendeu-se:

- Caracterizar socioeconomicamente os professores da UFV.
- Caracterizar as práticas de lazer segundo os aspectos pessoais e familiares dos professores da UFV.
- Contextualizar o tempo das vivências de lazer no contexto familiar e laboral.

- Analisar a atitude dos professores quanto às vivências de lazer.

A relevância desta investigação se apresenta à medida que, ao tratar da temática tempo e atitude no lazer no âmbito do trabalho e da família, foi possível caracterizar os sentidos das práticas corporais dos professores, acompanhado da lógica do trabalho e das obrigações/responsabilidades, possibilitando a reflexão sobre políticas que permeiam a temática.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A partir dos objetivos propostos, este tópico apresenta discussões acerca do lazer no cotidiano dos indivíduos, bem como a relação entre família, trabalho e lazer. Nesse sentido, é dada atenção especial à questão do tempo para o lazer e para o trabalho, bem como a atitude dos indivíduos quanto às práticas de lazer.

2.2. Interface família-trabalho-lazer

2.2.1. A família enquanto instituição social

A família, entendida teoricamente como um grupo unitário com estrutura específica, é um lugar de socialização e de busca coletiva de estratégias de sobrevivência. É a principal responsável pela construção da identidade dos sujeitos, sendo o local onde bases afetivas e materiais necessárias ao desenvolvimento e bem-estar de seus componentes são construídas.

A família vem-se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e socioculturais do contexto em que se insere. É na família, também, que a individualidade de seus membros é moldada e construída, interferindo, sobremaneira, na forma como esses indivíduos se apresentam na sociedade.

A família é também um grupo social composto de indivíduos diferenciados por sexo, idade e características próprias, que se relacionam cotidianamente, gerando

uma complexa e dinâmica trama de emoções. Ela não é uma soma de indivíduos, mas um conjunto vivo, contraditório e cambiante de pessoas com sua própria individualidade e personalidade. A sexualidade, a reprodução e a socialização são esferas potencialmente geradoras tanto de relações prazerosas quanto conflitivas. A divisão interna de papéis pode ser a expressão de importantes relações de dominação e submissão, à medida que configura uma distribuição de privilégios, direitos e deveres dentro do grupo (BRUSCHINI,1997).

Vitale (2002) relatou que as relações intergeracionais compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo. As gerações, no entanto, estão construídas umas em relação às outras, o que não significa que cada geração compõe um universo social particular ou um grupo social homogêneo.

Bourdieu (1989, p. 65) considerou que “a família é o lugar sagrado, secreto, de portas fechadas sobre a sua intimidade, separado do exterior pela barreira simbólica do limiar, perpetua-se e perpetua a sua própria separação, a sua privacidade como obstáculo ao conhecimento, segredo de negócios privados [...] do domínio privado”. Pode também ser vista com um grupo, cujas características são a residência em comum e a cooperação de adultos de ambos os sexos e dos filhos que geraram ou adotaram.

Considera-se, dessa forma, que nesse espaço “privado” é expressa uma organização temporal do cotidiano, ou seja, afazeres, tarefas, deveres e obrigações são desenhados conforme a configuração econômica e social das famílias. O trabalho e o lazer são esferas que permeiam essa dinâmica interna das famílias, de maneira interligada, estabelecendo relações de influência mútua.

Romanelli (2002) relatou que as pesquisas sobre família no Brasil têm mostrado a adversidade na sua organização, tanto no que se refere à composição quanto no que diz respeito às formas de sociabilidade que vigoram em seu interior. Do ponto de vista formal, a composição da instituição doméstica funda-se nos laços de parentesco criados por relações de aliança estabelecidas por descendências e de consangüinidade.

Ao longo dos tempos, a instituição família vem sendo apontada e responsabilizada pelas mudanças sociais e morais observadas na sociedade. Mais que isso, a partir da mídia, do senso comum, dos interlocutores religiosos e de um

razoável número de técnicos da área social, educacional, jurídica e da saúde, fala-se e, portanto, pensa-se e imagina-se uma norma familiar. Ou, então, outorga-se à família o papel de principal instrumento normativo da sociedade. Essa visão normativa, nem mesmo nova, aparece quando as "falas" dos arautos das crises transbordam sua visão de negatividade sobre a sociedade: crianças, jovens e mulheres são as identidades e os papéis-alvo de ataques mais intensos, na visão normativa que se tem a respeito da família. Os homens são mais resguardados e, em geral, vistos como os sustentáculos morais da família (SANTOS; ADORNO, 2002, p.73).

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob esse prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade como também projeta em outros grupos os modelos de relações criados e recriados dentro do próprio grupo (VITALE, 2002).

Cada família circula num modo particular de emocionar-se, criando uma "cultura" familiar própria, com seus códigos, com uma sintaxe própria para comunicar-se e interpretar comunicações, com suas regras, ritos e jogos. Além disso, há o emocionar pessoal e o universo pessoal de significados. Tais significados, no cotidiano, não são expressos. O que se têm são ações que são interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas com o crivo dos códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos. Tais emoções e interpretações geram ações que vão formando um enredo cuja trama compõe o universo familiar (SZYMANSKI, 2002).

Essa família emerge da análise da observação do cotidiano familiar – a família vivida – descrita por Gomes (1998, p.12), da seguinte forma: “um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecem nesse contexto”.

Diversidade nas formas de organização do conviver humano e mudanças nas identidades e nos papéis entre seus pares são alguns aspectos que tangem a experiência das formas de família(s). Assim, pode(m)-se vê-la(s) como expressão da cultura social e não como expressão de normatividade. Ou seja, como instituição que

incorpora mudanças históricas, demográficas e experiências de novas identidades, papéis e opções sexuais (SANTOS; ADORNO, 2002).

As manifestações nesse espaço privado, com suas particularidades, direcionam e, em alguns momentos, condicionam os acontecimentos no espaço público, seja no contexto do trabalho ou do lazer.

2.1. O lazer no cotidiano do indivíduo

A questão do lazer ao longo da história estabelece íntima relação com as particularidades do contexto em que a sociedade se encontra, traço esse definidor da lógica com que determinadas vivências se processam. Por isso, uma incursão histórica faz-se necessária, pois o espaço e o tempo onde as práticas se estabelecem são condicionantes para a compreensão de sua complexidade. A forma como esse fenômeno é conceituado na atualidade tem íntima relação com suas nuances históricas.

A organização da sociedade ao longo do tempo deixa transparecer, por meio de seu arcabouço cultural, costumes, hábitos e formas de conagração, nas quais os indivíduos tecem relações nos diferentes contextos – no trabalho, na casa e na rua. As vivências relativas ao tempo livre ao longo da história se mostram arraigadas a essa constituição cultural.

Na dimensão cultural, no que se refere à produção de conhecimento no âmbito do lazer, tem-se uma série de autores que acreditam que esse fenômeno já existia dentro de sociedades primitivas, representativo de vivências ligadas ao divertimento, enquanto outro grupo de teóricos pensa e entende o lazer como um fenômeno característico da mudança dos mecanismos de produção, condicionada pela Revolução Industrial, fruto de conquistas trabalhistas, conforme descrito nos tópicos subseqüentes.

2.1.1. O lazer: diferentes perspectivas ao longo da história

A presença do lazer na antigüidade pode ser destacada na obra de Sebastian De Grazia (1966), sendo que suas observações sobre a vida social dos filósofos da antiga Grécia apontam que:

O grego Skholé era um termo que, no uso comum, denotava um tempo desocupado, um tempo para si mesmo que gerava prazer intrínseco. Para Aristóteles, o lazer era um estado filosófico no qual se cultivava a mente por meio da música e da contemplação. Esse estado seria alcançado apenas por aqueles que conseguiam libertar-se da necessidade de estar ocupado (e de realizar o trabalho produtivo, que era visto como indigno). O ideal clássico de lazer indicava, portanto, distinção social, liberdade, qualidade ética, relação com as artes liberais e busca do conhecimento (DE GRAZIA, 1966, p. 35).

Melo e Stoppa (2003) contextualizaram que, na Grécia Antiga, notadamente em seu período de maior florescimento cultural, valorizavam-se, acima de tudo, a contemplação e o cultivo de valores nobres, como a verdade, a bondade e a beleza. Por isso, considerava-se que o trabalho cotidiano e suas mazelas eram elementos que atrapalhavam a plena vivência desses valores, já que reduziam o tempo livre necessário para a dedicação ao estado de contemplação esperado. Para esse princípio de vida, o tempo livre ganhava importância não como momento de pura desocupação, mas como oportunidade de crescimento espiritual.

Frédéric Munné, embora discorde de Sebastian De Grazia em muitos pontos, também é favorável à tendência de que a ocorrência do lazer antecede a Idade Moderna. Para esse psicólogo social, o ócio é um modo típico de nos comportarmos no tempo e se estrutura em quatro áreas de atividade: 1) o tempo psicobiológico (destinado a necessidades fisiológicas e psíquicas); 2) o tempo socioeconômico, fundamentalmente referido ao trabalho; 3) o tempo sociocultural, em que nos dedicamos à vida em sociedade; e 4) o tempo de ócio, destinado a atividades de desfrute pessoal e coletivo (MUNNÉ, 2002 *apud* GOMES, 2004).

Munné (1980), citado por Gomes (2004), relatou que a questão do “descanso para o corpo” e “diversão para o espírito” foi introduzida em Roma, e essas características se tornavam presentes como condição para a retomada dos negócios (trabalho no comércio, exército, política, serviço público). Salientou, ainda, que havia uma estratificação social para a vivência do ócio, em que a meditação se relacionava às elites intelectuais, e os grandes espetáculos faziam parte das vivências das pessoas comuns, com sentidos de descanso e divertimento. Tem-se, então, a questão do “pão e circo”, mecanismo de poder, em que simbolicamente a despolitização e redução do povo enquanto mero espectador se faziam presente.

Medeiros (1975, p. 3) apresentou o entendimento de lazer ligado à questão da necessidade humana, como atividade relacionada a um tempo de organização livre,

desconectado de quaisquer obrigações. Segundo a referida autora, o marco para esse entendimento pode ser percebido em:

[...] Tão impiedosa é a necessidade de dispor de algum tempo livre, que o próprio Criador, ao terminar a Sua obra, descansou e ordenou que todos, sem distinção de classe, guardassem o sábado (palavra oriunda de *shabbath*, dia de descanso em hebraico). Por lhe parecer fundamental esse repouso, ordenou ao homem: trabalharás seis dias e farás nele tudo o que tens a fazer. O sétimo dia porém, é o dia consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem teu escravo...¹ Preocupado com a obediência ao preceito, recomendou: tende grande cuidado de observar o meu sábado, porque este é o sinal que eu estabeleci entre mim e vós, e que deve passar depois de vós a vossos filhos, continuando por advertir: aquele que violar será castigado com a morte. Se algum trabalhar neste dia, perecerá no meio do seu povo² (MEDEIROS, 1975, p. 3).

Assim, a questão do estilo de vida e a realidade cultural em que os sujeitos se inserem se relacionam com deveres e obrigações, nas quais as vivências de lazer vão ganhar sentido e lugar de acordo com as necessidades e com o cumprimento das atividades relativas à sobrevivência, nos ambientes de trabalho.

Melo e Alves Júnior (2003), ao retratarem a divisão social do tempo na Idade Média, mencionaram que não havia separação categórica do tempo de trabalho e de não-trabalho. Os servos trabalhavam seguindo os desígnios e desejos dos nobres, enquanto a dinâmica do tempo da natureza era seguido pelos trabalhadores no plantio, sendo que os artesãos e comerciantes tinham flexibilidade nesses momentos. A questão do não-trabalho passa a ser entendida como enobrecimento, enquanto o lazer, como um emaranhando de pecados.

Werneck (2000, p. 135) apresentou que:

[...] a Idade Média caracterizou-se por uma economia predominantemente agrícola e por uma sociedade fechada entre a nobreza que possuía terra e os camponeses que viviam em estado servil. Foi um período marcado pelo recuo da noção de Estado, no qual prevaleceu um sistema de pensamento fundamentado na lei religiosa e definido pela Igreja, representada pelo clero. Nos inúmeros feriados existentes no período, os poderes hegemônicos procuravam controlar as festas e os divertimentos, procurando conferir às práticas culturais o caráter de culto e de cerimônias oficiais sérias. As festas oficiais consagravam a desigualdade, a

¹ Bíblia Sagrada. Trad. por Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Ed. Barsa, 1966. Ex. XX. p. 9-10.

² Id., Ex., XXXI, p. 13-14.

imutabilidade e a durabilidade das hierarquias, das normas e dos tabus religiosos, políticos e morais.

Na cultura popular na Idade Média e no Renascimento, estratégias de resistência no que se refere ao não-entendimento lícito das vivências de lazer, por meio de ritos e espetáculos cômicos, maneiras de subversão da ordem, eram apresentadas, na vida medieval, em contraste com as festividades oficiais. Os carnavais, por exemplo, levavam multidões às praças e ruas durante vários dias, questionando a verdade dominante e o regime vigente (BAKHTIN, 1979).

Munné (1980), citado por Gomes (2004), observou que, com o Renascimento, os estratos superiores da sociedade poderiam se entregar ao *dolce far niente*, ou seja, entregar-se ao desfrute de nada fazer. A vida cultural da classe ociosa se converteu, quase que integralmente, em um jogo de sociedade no qual se valorizava o passar do tempo sem realizar nada produtivo. Isso se devia a um sentido de indignidade do trabalho e à demonstração da capacidade pecuniária que permite uma vida de ociosidade, reflexo de prestígio, riqueza, poder e respeitabilidade social.

Gomes (2004) ressaltou que, diante do valor ético e religioso do trabalho ressaltado pelas idéias puritanas na Modernidade, perigos se relacionavam com a ociosidade. Sob essa lógica, o processo produtivo poderia estar ameaçado diante das distrações e dos prazeres. Assim, a atividade laboral poderia ser desvalorizada e, principalmente, comprometida.

Essas concepções foram imprescindíveis para a consolidação do capitalismo e do modelo produtivo em que o enaltecimento do trabalho era uma característica marcante, em detrimento do controle dos divertimentos populares. Assim, o não-trabalho era desvalorizado, encarado em posição contrária ao desenvolvimento e manutenção da ordem, incutindo, assim, normas, valores e predisposições.

Melo e Stoppa (2003, p. 6) mostraram que:

No quartel final do século XVIII, com o advento da implantação do modelo de produção fabril e da organização do trabalho em fábricas, observa-se uma artificialização dos tempos sociais. Isto é, o tempo de vida diário passa a ser demarcado pela jornada de trabalho, aliás excessiva nessa fase inicial do capitalismo (de 12 a 16 horas diárias), além de indefinida no que se refere a faixa etária e sexo (homens ou mulheres, adultos, crianças ou idosos) e não regulamentada (não havia férias, aposentadoria, dia de não-trabalho remunerado etc.). Todos deviam seguir uma rotina rígida, com hora de entrada, de almoço e de saída. O homem começa a se submeter às imposições das máquinas. Uma crítica contundente a

tal modelo pode ser observada no filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin.

O entendimento no surgimento do lazer na Modernidade atrela suas características à Revolução Industrial, no que se refere à mudança dos mecanismos de produção e à interferência no cotidiano das práticas dos sujeitos, e, portanto, expressa características desse novo momento, como: tempo produtivo/tempo livre, descanso/divertimento e privilégio/direito.

Gomes (2004) relatou que a tese de que o lazer sempre existiu é refutada por vários pesquisadores, como Joffre Dumazedier (1979). Ao analisar as sociedades do período Arcaico, esse autor sublinhou que trabalho e jogo estão associados às festas. Embora sejam diferentes, trabalho e jogo possuem significações de mesma natureza na vida da comunidade: eles se mesclam, e a oposição entre ambos é menor ou inexistente. Assim, ele considera que o lazer é um conceito inadaptado ao período Arcaico. Segundo o referido, o lazer foi gestado nas sociedades industriais avançadas – capitalistas ou socialistas; “o lazer corresponde a uma liberação periódica do fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho” (DUMAZEDIER, 1979, p. 28).

Houve mudança de enfoque determinante para o lazer no século XIX. As características que envolvem esse fenômeno são específicas e tipicamente modernas, mostrando-se como fenômeno autônomo, organizado e normatizado, mantendo relações dialéticas com a questão do trabalho, das obrigações, e sendo acompanhado sob uma nova perspectiva de tempo, espaço e hábitos dos indivíduos.

Para Marcellino (1990, p. 36),

O lazer, como é entendido hoje, é um fenômeno que tem seu surgimento ligado ao trabalho assalariado, característico da Pós-Revolução Industrial. Esta identidade de origem acaba criando uma relação de independência entre eles, fazendo com que o entendimento de ambos não se dê de uma forma estanque (MARCELLINO, 1990).

Em diferentes épocas se revelam modos de perceber e retratar a realidade social, condicionada pelas vivências e pelo pano de fundo que envolve o cotidiano dos indivíduos. Logo, a maneira como o lazer se apresentou no decorrer da história é traço definidor do seu sentido na atualidade.

2.1.2. O conceito de lazer

Em toda a sociedade, as pessoas vivenciam situações com sentidos e lógicas próprias como o trabalho, em busca da sobrevivência ou para emancipação humana, bem como momentos de lazer, desprovidos de obrigação e permeados de prazer e ludicidade. Nas suas esferas de atuação, os indivíduos travam concepções do que fazem, pensamentos, valores que permitem a eles conduzir seu cotidiano.

Pinto (1998, p.67) afirmou que:

O traçar de concepções de lazer leva-nos a desconstruir dualidades entre o particular e o coletivo, um sem abafar o outro, e entre autoridade e liberdade, com a conquista de parcerias entre os co-responsáveis pelo jogo, todos aprendendo e ensinando, sensíveis às heróicas resistências das ‘malandragens do corpo’ no jogo jogante que joga com todos.

Conceituar lazer é uma tarefa complexa, pois as pessoas não são acabadas e a sociedade está sempre em transformação, sujeita a constantes ressignificações de valores. As características que envolvem a dinâmica cultural estão em constantes mudanças, e os indivíduos no seu cotidiano retratam maneiras diferenciadas de conduzir esferas, como trabalho e lazer. Dessa forma, podem vir à tona inúmeras percepções a respeito do significado e sentido do lazer, as quais podem levar a novos entendimentos e conceitos.

Mesmo que, historicamente, tempo livre e lazer não sejam sinônimos, a aproximação entre ambos foi intensificada nesse contexto social. Tal aproximação foi uma decorrência dos processos de direcionamento, controle e normatização burgueses que, acatando os preceitos do modo de produção capitalista, conceberam o trabalho como referência primordial da vida em sociedade. É nesse âmbito que o entendimento de tempo livre passa a ser amplamente assimilado como lazer.

Marcassa (2005, p. 255) mostrou que:

Ao mesmo tempo, acompanhando o desenvolvimento das cidades e do modo de vida urbano, a expansão do comércio faz surgir uma série de serviços ligados aos divertimentos e à cultura lúdica, isso sem falar do associativismo que conferiu à sociabilidade compartilhada por meio do esporte, dos jogos e dos passa-tempos típicos das classes dominantes, um elemento de identidade e distinção social. Assim, somadas à iniciativa dos centros de recreio e à intervenção pública na tradição dos divertimentos populares – normalmente no que se refere à criminalização do ócio -, tais manifestações conferem forma ao tempo, ao espaço e às práticas

que passam a constituir o lazer, uma instituição social que, nesse contexto, agregou determinados comportamentos e modos de utilização do tempo livre, conferindo À prática de lazer um estatuto próprio.

Dumazedier (1979, p. 28), ao tratar da definição do termo lazer, o estabelece como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode integrar-se de livre vontade, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

Dumazedier (1979, p. 28) destacou um sistema de caracteres específicos e constituintes do lazer:

Caráter literário – O lazer é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas) e resulta de uma livre escolha; **Caráter desinteressado** – O lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, socioespiritual; **Caráter hedonístico** – O lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si: isso me interessa. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer; e **Caráter pessoal**: as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, em face das obrigações primárias impostas pela sociedade.

A ocorrência do lazer no cotidiano das pessoas se apresenta envolta por uma dinâmica cultural, em que vivências lúdicas em dado tempo e espaço conquistados estabelecem relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações.

Magnani (1996) contrariou leituras unilaterais e entendeu o lazer como espaço para o desenvolvimento de culturas e valores. Dessa forma, “os momentos de lazer não podem ser considerados apenas por seu lado instrumental, passivo e individualizado”. Isso “porque existe um componente afirmativo que se refere ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade”.

Nos momentos de lazer, os grupos tecem redes de sociabilidade, exercitam seus símbolos e códigos comuns, reorganizam-se e abrem novas possibilidades de intervenção na realidade. Essas redes de sociabilidade são tecidas a partir do potencial de expressividade e dos múltiplos significados do corpo, que, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, o corpo passa a se expressar e interagir com o mundo que o cerca, expressando-se de maneiras

diferenciadas de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos recebidos em seu cotidiano.

As práticas corporais dos sujeitos, ou seja, os movimentos que dão dinâmica aos envolvimento, seja no trabalho, no lazer ou em outras esferas da vida humana, se mostram cotidianamente influenciadas e permeadas por interesses, lógicas e sentidos, em que o corpo passa a ser veículo e meio de expressão de valores, crenças, ideais, constituídos histórico-culturalmente como uma maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade em que estamos envolvidos.

Esses corpos tecem envolvimento que se processam em dado tempo, pautado por desejos, anseios e com objetivos bem definidos, seja de distração, descanso, desenvolvimento, que levam a sensações de prazer, entrega e renúncia, ou seja, homens e mulheres se interagem, através de suas identidades, em dadas estruturas, permeadas de interesses e fragmentações.

Marcellino (2000, p. 15), ao citar Dumazedier (1979), relatou que:

[...] o que se busca predominantemente em uma atividade de lazer, interesses e motivações preponderantes que os levam a praticá-la, é o que permite a classificação do lazer em seus conteúdos. A classificação efetuada por Dumazedier divide o conteúdo do lazer em seis categorias: os interesses físicos, artísticos, práticos ou manuais, intelectuais, sociais e turísticos. Não se deve pensar nestas categorias isoladamente, pois estes interesses partem de opções pessoais, sendo o homem considerado de maneira integrada, corpo e mente, e que a escolha de uma atividade não restringe a uma categoria, podendo transitar entre os diversos interesses.

Andaki e Silva (2002) afirmaram que, na classificação de Dumazedier, as categorias são divididas de acordo com o predomínio em si mesmas, ou seja, cada uma das vivências tem correlação direta com o objeto empregado, isto é, no interesse artístico o predomínio é estético, nos interesses intelectuais temos o contato com o real, nos interesses físicos há predomínio das modalidades esportivas e atividades físicas, as atividades manuais são caracterizadas pela manipulação e transformação de objetos e materiais, e os interesses sociais são alcançados com o convívio social, enquanto do interesse turístico surge o desejo de conhecer novos lugares e culturas.

Em contraste com a visão estabelecida anteriormente, Melo e Stoppa (2003), ao buscarem uma classificação para as atividades de lazer, constataram que

Dumazedier, ao apresentar sua classificação, procurou dividi-la de acordo com o interesse central desencadeado. Em outras palavras, o indivíduo é motivado a buscar a atividade, mas o programa de vivências deveria ser elaborado de acordo com as possibilidades de mobilizar diferentes sensibilidades e interesses dos indivíduos da seguinte forma: interesses físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais.

Tomado como atitude individual, comunitária ou participativa, o lazer projeta-se como ato humano de perspectiva personalizada e individualizada. Realiza-se em plenitude sempre que as pessoas se sentem bem com o relaxamento físico e psicológico que se manifesta em seu todo, quando, de fato, elas percebem as diversas sensações ou o gozo do repouso. Por ser ato humano, o lazer individual e em grupo deve revelar a qualificação da inteligência, a disposição da vontade e a liberdade da realização de atos destinados à distração e, ou, ao repouso do corpo e da mente. Também, de imediato ou não, de forma concomitante ou não, a própria atividade de lazer pode manifestar os diferenciais de níveis, graus e volumes que costumam revelar a variedade de necessidades, gostos e conveniências de pessoas e grupos, singularmente considerados (KOWALSKI, 2007).

Para Bramante (1998, p. 08),

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais.

Esse mesmo autor acredita que a ludicidade, compreendida como eixo principal da experiência de lazer, é uma das poucas unanimidades entre os estudiosos que teorizam sobre o tema. Essa é, pois, uma referência marcante da discussão conceitual do lazer no contexto brasileiro, pois, em outros países, nem sempre verificamos o mesmo encaminhamento. No Brasil, mesmo com as particularidades que distinguem cada pesquisador, a presença do lúdico pode ser constatada em várias abordagens.

Gomes (2004) apresentou o entendimento de lazer de Mascarenhas (2000), em que o lazer deve constituir um espaço de organização da cultura, ampliar as oportunidades para que se questionem os valores da ordem social vigente, de maneira que as pessoas não apenas vivenciem, mas também produzam cultura.

A mesma autora, nessa mesma obra, ao analisar as concepções de lazer existentes na atualidade, afirma que o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados:

- **Tempo**, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final-de-semana, férias etc.).
- **Espaço-lugar**, que vai além do espaço físico, por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer.
- **Manifestações** culturais, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento.
- **Ações**, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade.

Assim, a cultura institui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade histórico-social. Apesar de nesse texto não haver a pretensão de aprofundar conhecimentos sobre o conceito de cultura, pauta-se no pressuposto de que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões: inclui a fruição de diversas manifestações culturais.

O lazer compreende, dessa maneira, a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), entre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que este e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer (GOMES, 2004).

Esse lazer vem sendo também tratado de modo a ocupar o tempo disponível das pessoas, sem oportunizar vivências nos conteúdos culturais do lazer, propondo muitas vezes programações de atividades que refletem interesses e ideologias.

A ocupação do tempo disponível das pessoas passa a ser algo lucrativo. Eventos fora de uma conjuntura, alheios a políticas de lazer, levam este a ser tratado como mercadoria. Trata-se de um produto apresentado, cujas características permeiam questões como: bem-estar, descanso, satisfação e desenvolvimento, que passam a ser vendidos.

Não significa que o lazer só tem significado quando é público e não gera custo às pessoas, ou que o setor privado não oferece opções interessantes e atrativas de lazer, mas que a agregação do termo a algo inacessível reduz as possibilidades humanas diante do lazer.

Relacionando o lazer ainda como direito social, Marcellino (1996, p. 83) relatou que:

Na Constituição de 1988, “o lazer consta do Título II, Capítulo II, Artigo VI, como um dos direitos sociais: o termo aparece em outras ocasiões, mas só é tratado quanto à formulação de ações no Título VIII, Capítulo III, Seção III, do Desporto no Artigo 217, no terceiro e último parágrafo do item IV, o Poder Público incentivará o lazer como forma de promoção social”, ressaltando, assim, o caráter assistencialista do governo e dando ênfase utilitária ao lazer.

Mesmo assegurado como um direito social na Constituição, Melo (2001, p. 72) relatou que “lamentavelmente o trato que o lazer recebe em algumas administrações se caracteriza mais por concessão do que por afirmação de um direito social. Muito nos intriga o fato de a temática ser tratada, em alguns casos, apenas como adendo da administração pública, ou então como um ramo menos importante e que sua falta não seria sentida pela população”.

O lazer é, assim, encarado como um privilégio, que de vez em quando nos é concedido, e não como um direito, diminuindo a relevância do lazer, do nosso direito e do lazer como direito.

Ainda sobre o tratamento para com o lazer, Cavalleiro e Salgado (1996) *apud* Marcellino (1996, p. 15) explicitaram que “uma das características das atividades de lazer é a opção, e essa está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece”. Para tanto, esse conhecimento, esse aprendizado implica consideração

da necessidade de “difundir o significado, esclarecer a sua importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuam para aperfeiçoá-lo”.

No desenvolvimento da cultura, o lazer, segundo Faria e Costa (2002), “pode ser altamente educativo principalmente na forma como é desenvolvido com atividades pedagógicas que utilizam o lúdico e o jogo para o aprendizado”. De acordo com Marcellino (1996), “o lazer possui um duplo processo educativo; primeiro ele é um veículo privilegiado da educação (educação pelo lazer); segundo, para a prática de atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis mais elaborados, complexo, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade (educação para o lazer)”.

Segundo PBH (1995), para ampliação, diversificação e democratização de possibilidades de vivências de diferentes conteúdos culturais no lazer os educadores e educandos precisam estar atentos ao exercício do desejar e realizar, nos conhecimentos que requerem os fazeres e o fato de como, no nosso cotidiano, o gosto popular vem sendo condicionado por certos modelos dominantes, mas, também, preservados, ou transformados.

Werneck (2002), citando Santos (2000), ponderou “que as vivências de lazer possibilitam a espontaneidade própria das camadas populares podendo contribuir com a renovação do mundo”. Muitas práticas culturais podem constituir autênticas formas de lazer popular, representativas do povo fazendo cultura e, especialmente por isso, fazendo política.

Nessa perspectiva, para Cavalleiro e Salgado (1996) “o lazer, enquanto direito do cidadão – direito esse, de intervir na definição de diretrizes, que garantam tanto o acesso à participação, quanto à criação cultural – colabora para a humanização dos homens e da cidade, mediante a apropriação, a consolidação e a inauguração de novos direitos que perfazem a condição da cidadania”.

Nesse contexto, Marcellino (1996) constatou que “participação cultural seria a atividade não-conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados. A entendendo ainda, como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista, não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura. Não significando o isolamento do

plano cultural, do social e do econômico, mas tão-somente, não cabendo justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa”.

O “escolher” deve ser feito mediante a “elaboração” de modo coletivo, isto é, que essa escolha não reproduza padrões, ou os interesses de uma minoria, e sim faça parte de um processo democrático.

Nessa perspectiva, Werneck (2002) considerou que “o lazer não se restringe ao consumo alienado, proporcionando por meio das oportunidades que padronizam gostos e preferências; que tratam os sujeitos como se fossem meros objetos desprovidos de histórias de vida singulares e que ignoram as questões culturais, políticas e sociais mais amplas que nos constituem”. Portanto, o lazer neste estudo é compreendido “como desenvolvimento da cultura, lutando contra o conformismo e a passividade, vendo o lazer como um direito”, “como maneira de pronunciar e nomear a ordem do mundo, produzindo novos sentidos de experiências até então silenciadas no jogo das relações humanas” (WERNECK, 2000), “pautada no entendimento deste como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistados pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações (GOMES, 2004).

O sentido e significado do lazer interpenetram no cotidiano do indivíduo nas suas esferas de atuação; os indivíduos tecem organizações do seu cotidiano com base nas suas percepções sobre o meio.

2.1.3. Caminhos traçados pela família: a questão do Trabalho e do Lazer

As relações estabelecidas no âmbito do trabalho e do lazer esboçam os caminhos apresentados pela unidade familiar, ou seja, os indivíduos munidos de suas percepções e valores, instituídos, penetram na realidade social que os insere.

Marcassa (2005, p. 256) nos apresentou que:

O lazer compreende uma esfera da vida cotidiana atravessada pelas mesmas forças que atuam sobre a sociedade em sua totalidade, configurando-se na medida em que estabelece interfaces com a dinâmica mais ampla da economia, da política e da cultura. Ele se revela cercado tanto pelas determinações objetivas, derivadas do modo de produção social da existência humana, como pelas subjetivações que se traduzem pelas diferentes maneiras de compreendê-lo, explicá-lo e transformá-lo. É da produção material e simbólica da existência humana, cuja centralidade é dada pelo

trabalho, que emerge o lazer. Por conseguinte, o lazer está para o mundo do trabalho, assim como o trabalho está para as aspirações e necessidades humanas, cujas possibilidades de relação passam, inclusive, pelo próprio lazer. Determinando-se mutuamente, lazer e trabalho constituem, portanto, fenômenos indissociáveis.

O tempo livre, ou seja, o tempo liberado do trabalho, foi uma conquista moderna das lutas sindicais, da revolução tecnológica do trabalho e da pressão de diversos setores da sociedade. A parte do tempo livre dedicada ao entretenimento e à diversão é o que se chama de lazer (WERNECK, 2002).

Blass (2004, p. 3) argumentou que:

As práticas de trabalho têm, portanto, uma linguagem que se expressa em vários lugares e apresentam múltiplos significados. Quando remetidas às dimensões sociais, fazem parte da vida, perseguem outros objetivos e valores como, por exemplo, os de conviviabilidade, solidariedade e responsabilidade. Indagam os modelos universais e civilizatórios fundados na cisão entre economia e sociedade; entre produtor e consumidor; trabalhador, enquanto pessoa, e força de trabalho; trabalho concreto e trabalho abstrato.

Lechat (2002), citando Weber (1987), mencionou que a noção de trabalho como conhecemos hoje é relativamente recente e nasceu com a Revolução Industrial. O trabalho artesanal, nas sociedades pré-capitalistas, não era separado da vida familiar, da religião e do lazer. Com o nascimento da fábrica e a exploração da classe operária pelos proprietários dos meios de produção, o ritmo e intensidade do trabalho só conheciam o limite da exaustão física e psíquica do trabalhador. A atividade economia tornou-se uma busca incansável pelo lucro. O espírito do capitalismo rompeu o vínculo entre o trabalho e a vida.

Albarnoz (1994) afirmou que, na linguagem cotidiana, a palavra trabalho tem muitos significados, embora o seu conteúdo oscile, como uma das formas elementares de ação dos homens: às vezes, carregado de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga; noutras, mais que aflição, o fardo designa a operação humana de transformação de matéria natural em objeto de cultura.

O trabalho do ser humano aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho, nesse sentido, possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado para a realização de objetivos; em que até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado de trabalho. Este é esforço e também o seu resultado: a construção enquanto processo e ação (ALBARNOZ, 1994).

Antunes (1999), citando Marx (1971, p. 54), expôs que:

[...] quando se tematiza a crise da sociedade do trabalho, parece decisivo recuperar a distinção marxiana feita entre trabalho *concreto e abstrato*: Todo trabalho é, de um, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias. Todo trabalho, por outro lado, é dispêndio de força humana de trabalho, sob forma especial, para um determinado fim, e, nessa qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso. De um lado, tem-se o caráter útil do trabalho, relação de intercâmbio entre os homens e a natureza, condição para a produção de *coisas socialmente úteis e necessárias*. É o momento em que se efetiva o *trabalho concreto*, o trabalho em sua dimensão qualitativa. Deixando de lado o caráter útil do trabalho, sua dimensão concreta, resta-lhe apenas ser dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada. Aqui aflora sua dimensão abstrata, onde se desvanecem... as diferentes formas de trabalho concreto e onde elas não mais se distinguem uma das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato.

Sabe-se que no universo da sociabilidade produtora de mercadorias, cuja finalidade básica é a criação de valores de troca, o valor de uso das coisas é minimizado, reduzido e subsumido ao seu valor de troca. Mantém-se somente enquanto condição necessária para a integralização do processo de valorização do capital, do sistema produtor de mercadorias. Disso que resulta que a dimensão concreta do trabalho é também inteiramente subordinada à sua dimensão abstrata. Portanto, quando se fala da crise da sociedade do trabalho, é absolutamente necessário qualificar de que dimensão se está tratando: se é uma crise da sociedade de trabalho abstrato, como sugeriu Robert Kurz (1992), ou se trata de crise do trabalho também em sua dimensão concreta, enquanto elemento estruturante do intercâmbio social entre homens e a natureza (ANTUNES, 1999).

Antunes (1999, p. 79), citando Kurz (1992, p. 26), afirmou que:

No primeiro caso, da crise da sociedade do trabalho abstrato, há uma diferenciação que nos parece decisiva e que em geral tem sido negligenciada. A questão essencial aqui é: a sociedade contemporânea é ou não predominante movida pela lógica do capital, pelo sistema produtos de mercadorias? Se a resposta for afirmativa, a crise do trabalho abstrato somente poderá ser entendida, em termos marxianos, como a redução do trabalho vivo e a ampliação do trabalho morto. Neste ponto estamos de acordo com Kurtz, ao dizer que: A sociedade do trabalho como conceito ontológico seria uma tautologia, pois, na história até agora transcorrida, a vida social, quaisquer que sejam suas formas

modificadas, apenas podia ser uma vida que incluísse o trabalho. Somente as idéias ingênuas do paraíso e do conto do país das maravilhas fantasiavam uma sociedade sem trabalho.

A outra variante crítica, que nega o caráter capitalista da sociedade contemporânea, defende, em grande parte de seus formuladores, a recusa do papel central do trabalho, tanto na sua dimensão abstrata, que cria valores de troca – pois estes já não seriam tão decisivos hoje –, quanto na negação do papel que o trabalho concreto tem na estruturação de um mundo emancipado e em uma vida cheia de sentido. Quer pela sua qualificação como sociedade de serviços, pós-industrial e pós-capitalista, quer pela vigência de uma lógica institucional tripartite, vivenciada pela ação pactuada entre o capital, os trabalhadores e o Estado, essa sociedade contemporânea, menos mercantil e mais contratualista, não mais seria regida centralmente pela lógica do capital, mas pela busca de alteridade dos sujeitos sociais, pela vigência de relações de civilidade fundadas na cidadania, pela expansão de "zonas de não-mercadorias" ou, ainda, pela disputa dos fundos públicos" (ANTUNES, 1999, p. 80).

Antunes (1999) entendeu, assim, o trabalho como "modelo", "fenômeno originário", protoforma do ser social. O simples fato de que no trabalho se realiza uma posição teleológica o configura como uma experiência elementar da vida cotidiana, tornando-se, desse modo, um componente inseparável dos seres sociais.

Mascarenhas (2000) afirmou que o trabalho, nas diferentes formas que o capitalismo lhe tem conferido, é reduzido a mera atividade vital, cuja única e exclusiva orientação ainda é a subsistência garantida sob a forma de salário. Desse modo, "(..) o trabalho deturpa de tal maneira as coisas, que o homem por ser um ser consciente, não utiliza precisamente, sua atividade vital, sua essência, senão como instrumento de sua existência" (MASCARENHAS, 2000 *apud* MARX, 1998). O trabalho não mais permite a possibilidade de afirmação pessoal, mas aprisiona o homem à satisfação das necessidades imediatas.

Conforme Padilha (2000), na análise das transformações do mundo do trabalho parece fundamental abranger todas as dimensões do trabalho. A referida autora, citando Heller (1997), mostrou que o trabalho poder ser compreendido como *work* ou como *labour*. O trabalho como *work* é o trabalho concreto que cria valores úteis e *labour* é conhecido pela atividade cotidiana do trabalho tecida pelos princípios negativos do estranhamento.

Arendt (1997) relatou determinadas distinções sobre a questão do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo³; embora eivada de preconceito, há a distinção mais fundamental entre trabalho e labor. Realmente, é típico de todo labor nada deixar atrás de si: o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço, a despeito de sua futilidade, decorre de enorme premência, motiva-o um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele. A Era Moderna em geral e Karl Marx em particular, fascinados, por assim dizer, pela produtividade real e sem precedentes da humanidade ocidental, tendiam quase irresistivelmente a encarar todo o labor como trabalho e a falar do animal *laborans*, em termos muito mais adequados homens *faber*, como a esperar que restasse apenas um passo para eliminar totalmente o labor e a necessidade.

Um aprofundamento mais analítico dessas concepções, não necessariamente contraditório, é encontrado na teoria marxista, que coloca o trabalho numa das oposições centrais das relações sociais, enaltecendo “o princípio do trabalho como essência genérica do homem”. A partir daí derivam, sucessivamente, as conhecidas teses de divisão do trabalho, da alienação, da mais-valia, da luta de classes etc., uma síntese das proposições de Marx, com base nessas hipóteses do materialismo histórico, é oferecida por Ernest Fischer quando revela, em outra citação, que “a ação da liberdade real é justamente o trabalho”. Nesses termos, é possível observar que a evolução histórica da interpretação do trabalho passou de um extremo de anulação para outro oposto de sublimação, da servidão para a libertação, de ação eventual para processo de transformação social (DA COSTA, 2003, p. 14).

Bem diferente é o caso da categoria, mais popular, de trabalho manual e intelectual. Aqui, a conexão subjacente entre o homem que trabalha com a mão e o que trabalha com a cabeça é, mais uma vez, o processo de labor – no último caso, realizado pela cabeça, e no primeiro, por outra parte do corpo. Contudo, o processo de pensar, que se presume seja a atividade da cabeça, é ainda menos produtivo que o labor, embora de certa forma se assemelhe a este último, uma vez que o labor é também um processo que provavelmente cessa com a própria vida. Se o labor não deixa atrás de si vestígio permanente, o processo de pensar não deixa coisa alguma

³ A distinção entre trabalho produtivo e improdutivo se deve aos fisiocratas, que diferenciavam entre classes produtoras, proprietárias e estéreis. Como afirmavam que a fonte original de toda produtividade residia nas forças naturais da terra, o critério de produtividade que adotavam tinham a ver com a criação de novos objetos, e não com as necessidades e desejos dos homens.

tangível. Por si mesmo, o processo de pensar jamais se materializa em objetos (ARENDRT, 1997).

MASCARENHAS (2005, p. 407) mostrou que:

O trabalho é elemento ontológico constitutivo essencial de práxis humana. Importantes dimensões da vida social, das formas de sociabilidade e da construção identitária, bem como das estratégias de dominação e maneiras de resistir, enfim, das tensões e contradições inerentes às relações e dinâmicas das diferentes sociedades, têm sua origem explicativa no modo como indivíduos e coletividades produzem e reproduzem sua existência, no e pelo trabalho, em intercâmbio com a natureza. A atividade prático-teórica, material e não-material, que é o trabalho humano, não se restringe, portanto, somente à labuta diária, mas significa práxis de vida, isto é, objetivação dos homens do mundo, processo pelo qual superam sua condição de seres naturais e se convertem em seres sociais. Assim, como construtores das condições em que vivem, criando e recriando, os homens trabalham, produzindo cultura e fazendo história. A essência do gênero humano se consolida e se manifesta, dessa maneira, na e pela atividade transformadora do mundo.

Marcellino (1990), para mostrar que a questão do lazer não pode estar dissociada da problemática do trabalho, constatou que considerar apenas uma esfera da atividade humana, seja ela o trabalho, seja o lazer, é entender o homem de maneira parcial. E muitos autores como Paul Lafargue (1980) e Jofre Dumazedier (1979), fascinados pelas possibilidades abertas pelo progresso tecnológico, ao liberar tempo das obrigações profissionais, passaram de uma atitude radicalmente oposta à mitificação do trabalho a propor o elogio ao lazer como finalidade da existência e ideal de felicidade.

Nesse momento, a discussão da consolidação da esfera do trabalho e do lazer ao longo dos tempos faria sentido, pois seus significados tiveram diferentes visões, de acordo com a sociedade vigente, e momentos históricos, mas nesse momento a discussão será direcionada a um dos objetivos desta pesquisa: verificar a relação entre trabalho e lazer feita pelos professores universitários.

Para Antunes (2000, p. 62), “se o trabalho é dotado de sentido, o lazer também o deve ser”. Essa afirmação é muito debatida no meio dos estudiosos do lazer, em que o trabalho é uma esfera da vida humana cujas relações inesperadas e esperadas são travadas cotidianamente, ou seja, acontecimentos dão razão à dinâmica do trabalho, têm lógica e uma direção, uma meta, um fim.

Segundo Pinto (1999), do ponto de vista da integração social, cultural e profissional, a vivência lúdica levaria à superação de preconceitos; ao desejo de conviver, participar e construir saberes e estratégias coerentes; a ser habilidoso/habilidosa nas relações interpessoais; à valorização do trabalho coletivo e comunitário; a ter responsabilidade social; a respeitar e valorizar o outro; a empolgar com as conquistas das outras pessoas; a confiar nas pessoas e ser confiável; a desejar e comprometer com os desafios coletivos que organizamos com nossos parceiros; e a ter prazer e habilidade no trabalho em equipe, considerando-se os participantes parceiros e não adversários.

Conforme Senett (1999), todo indivíduo sente falta de relações humanas conscientes e de objetivos duráveis no trabalho, porque as condições de tempo no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência – a experiência do tempo desconjuntado ameaçando a capacidade das pessoas de transformar seus caracteres em narrativas sustentadas.

Blass (2004), citando Elias e Dunning (1992), a questão de tempo livre redefine os sujeitos envolvidos na dinâmica entre lazer e consumo, bem como os seus produtores. No que se refere ao trabalho na unidade doméstica, as suas atividades aparecem diluídas no conjunto de práticas de lazer e, enquanto tais, comporiam as atividades exercidas no tempo regularizado do não-trabalho que fundamenta a idéia de tempo liberado das obrigações. É necessário, portanto, repensar as conexões previamente estabelecidas entre tempo livre e lazer, que é “todo tempo liberto das ocupações de trabalho”. Dessa forma, nos momentos de lazer a relação das pessoas com o tempo se daria de forma desinteressada e dispersa – o que, na maioria das vezes, não acontece. A regulação desse chamado tempo livre se mostra paralela a uma supervalorização das atividades produtivas, em que homens e mulheres dialogam com a disponibilidade de tempo de formas diferenciadas.

O ser humano, que outrora era valorizado em função da moral do trabalho, hoje se vê impelido a incorporar as características da tecnologia para subsistir; sua valorização se dá muito mais pela sua inclusão na esfera da circulação e a um paralelo afastamento da esfera da produção. Essa é perspectiva apontada por Forrester (1997, p. 9), indicando que vivemos num tempo em que a moral do consumo é que valoriza as pessoas. A organização social, por sua vez, estaria se caracterizando por uma sociedade de consumo, uma vez que a aplicação das riquezas está voltada para a satisfação das necessidades que favorecem a ampliação incessante do consumo, levando ao consumismo.

Ainda nessa perspectiva, consumir é poder se sobressair na sociedade. A retórica da seleção e da autodeterminação culmina com a possibilidade de corresponder à expectativa dominante e apresentá-la em público. Todas as disparidades de direitos, dinheiro, tempo e privilégios que impedem a maior parte dos indivíduos de corresponder a tal expectativa, como argumentou Bordo (1993, p. 152), são canceladas pelo discurso do consumo.

Baudrillard (1972) chamou a atenção para uma ordem de fatos ligados à criação de necessidades e que é paralela ao oferecimento de mercadorias no interior de uma sociedade que se caracteriza pelo consumo. Para esse autor, os meios de comunicação de massa têm atuado no sentido de “demonstrar” reiteradamente aos indivíduos a sua carência de saúde/beleza, induzindo-os ao consumo de mercadorias e serviços relacionados com essa necessidade criada e sempre expandida pelo mercado.

2.2. Interface Família-Trabalho-Lazer

As discussões entre as relações estabelecidas pelos indivíduos nas esferas do trabalho, da família e do lazer são dotadas de sentidos e significados produzidos pela sua interação com o meio em dado tempo.

Tempo e espaço cobertos por lógicas transitórias, em que os sujeitos se apresentaram de acordo com suas intenções e necessidades, ou seja, o agir sobre esse meio dará contorno às práticas corporais dos sujeitos.

2.2.1. Trabalho e Lazer: discussões sobre tempo e atitude

A discussão sobre o tempo para as práticas de lazer caminha lado a lado com a questão da atitude, ou seja, as experiências vividas pelos sujeitos em dado tempo provocam sensações e expectativas com a situação vivenciada que estão, dessa forma, intimamente ligados ao interesse em intervenções futuras, o que revela gostos e preferências e influencia ações e posicionamentos.

Para Marcellino (2006), as atividades de lazer ligadas ao aspecto atitude serão caracterizadas pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade.

Estudos realizados no Brasil têm evidenciado mudanças nas concepções de homens e mulheres, apontando para a constituição de uma sociedade mais igualitária e, ao mesmo tempo, revelando que ainda estão presentes práticas tradicionais que parecem mudar de forma lenta e pontual em alguns aspectos, indicando, assim, maior igualdade de gênero (ARAÚJO; SCALON, 2005).

Na modernidade, a questão do lazer está intimamente ligada à problemática do trabalho, em que tempo e atitude servem como cenário para as relações entre homens e mulheres travadas cotidianamente, e esses sujeitos se manifestam de acordo com as estruturas em que se inserem, com seus códigos e valores, que interferem na formação de sua identidade.

2.2.1.1. A questão do tempo

É consenso, ao menos nas ciências sociais, que vida e tempo se misturam, se formam, se influenciam e até se determinam. A vida é, inegavelmente, marcada pela divisão do tempo em minutos, horas, dias, semanas, meses, anos e neles: etapas de desenvolvimento do ser humano. Essas fases se caracterizam ainda por atividades correspondentes, como: crianças brincam, adolescentes e jovens estudam, adultos trabalham e velhos descansam. As maneiras de medir o tempo também são diversas e evoluem ou se transformam com o desenvolvimento da humanidade (PADILHA, 2000).

A vida, no entanto, não se relaciona apenas com o tempo, mas também com o espaço. As mudanças no tempo alteram a organização do espaço e vice-versa. Dupuy (1975), citado por Padilha (2000), afirmou que a produção capitalista divide não só o tempo, como também o espaço. Na sua opinião, a divisão fundamental tempo de trabalho/tempo livre está inscrita no espaço, à medida que o território de cada um não é mais um espaço conexo. É preciso deslocar-se no espaço para sair do tempo de trabalho e entrar no de lazer, por exemplo.

Com base na concepção sociológica de que tempo livre é aquele no qual não se está sujeito à obrigação, a concepção do tempo livre é o tempo de liberdade para a liberdade. A denominação tempo livre passa por muitas dificuldades, pois tentar pensar em temas sociais, humanos, numa época de profundas crises, de mudanças severas de concepções político-ideológicas supostamente enraizadas no decorrer das décadas e ainda dos séculos, não é tarefa fácil. Ainda mais difícil é tentar

desenvolver idéias num campo em que se ocupa do ócio, do tempo livre, do jogo e de brincadeira, quando historicamente essas noções têm sido negadas, perseguidas e anatematizadas como destruidoras do humano do homem, símbolo do pecaminoso, do banal. Eram (e talvez para alguns ainda sejam) épocas em que o trabalho, entendido como sacrifício, era a melhor e única forma de aproximar-se do teológico, do perfeito. O trabalho, e só ele, “purificava” o homem, fazia-o merecedor de um destino de salvação. Durante séculos, educaram-se, prepararam-se e formaram-se pessoas para um mundo em que o trabalho era o primordial. E atenção para o trabalho, mas não para o usufruto de seus resultados, não para a fruição do produzido; para o uso obrigado de um tempo em prol de uma concepção axiológica centrada na divindade e no pecado. O homem não podia e nem queria permitir-se ser ele mesmo. A concepção da natureza humana imutável e predeterminada o marginalizava de uma real participação, de uma decisão meditada, de um desenvolvimento autônomo (KOWALSKI, 2007).

Ao tratar das noções de tempo livre, Marcassa (2005) relatou que o substitutivo mais veiculado no campo é, sem dúvida, aquele proposto por Marcellino (1990), para quem, em oposição ao tempo das obrigações, no qual o tempo de trabalho estaria incluído, haveria, sim, um tempo disponível, não um tempo livre, pois nenhum tempo estaria livre de coações ou normas. Outro exemplo é o de Bramante (1998), que considerou o tempo de não-trabalho como um tempo individualmente conquistado. Menos conhecido, Cunha (1987), além de sugerir o entendimento de um tempo produtivo e de um tempo residual, destacou um terceiro tempo, isto é, um novo resíduo, caracterizando o tempo de lazer. E existem ainda os que dotaram o tempo livre de absoluta autonomia com relação à totalidade do tempo social, sendo livre todo tempo cujo sentido de liberdade esteja presente em sua fruição, visão típica das abordagens subjetivistas, o que implica total relativização do termo.

Habermas (1989, p. 99) apresentou três formas de comportamento no tempo livre, estando estas relacionadas com o trabalho:

Regenerativa - neste processo o tempo livre serve para recuperar as forças depois de uma jornada fisicamente cansativa. No início da industrialização esta forma de comportamento desempenhou um papel essencial: atualmente, a mesma se encontra tão somente em um grupo limitado de ocupações, já que muitas profissões não requerem esforço físico algum; Suspensiva - nesta forma se executa durante o tempo livre um trabalho sem a determinação exógena e sem a desproporção da exigência do trabalho

profissional. Como exemplo dessa forma de comportamento se menciona a continuação do trabalho profissional em forma de “trabalho negro”, o compromisso com grupos religiosos, políticos ou ideológicos mediante a aceitação de cargos em associações correspondentes; Compensativa - esta forma de comportamento tende à compensação psíquica das seqüelas nervosas do trabalho.

O “tempo livre” é usado de diferentes formas, pois depende da cultura de cada um; na sociedade capitalista, a busca é incessante por dinheiro, isso claro quando se está na idade de trabalhar. Então se divide o tempo livre por fchas etárias: o dos idosos, o das crianças e o dos adultos – são os mais comuns e estudados. Os idosos geralmente procuram lazer naquilo que os faz sentir-se jovens novamente, como grupos de terceira idade, bailes, ginástica. As crianças são totalmente influenciadas pelos pais e educadores, pois, como citado anteriormente, na sociedade capitalista, onde só o trabalho interessa, o lazer é deixado de lado, e às crianças sobra a tecnologia exacerbada, desenhos animados, enfim, tudo que seja prático para os pais e “seguro” para as crianças. Os adultos são os grupos com menos “tempo livre” e procuram geralmente academias, bares, restaurantes.

Thompson (1991) esclareceu sobre o tempo mercadoria estar intimamente relacionado à concepção linear de tempo, o qual permitiu coordenar, com o auxílio do instrumento chamado de relógio, os movimentos de homens e materiais e a regularidade das máquinas. Os “problemas” de tempo livre surgem sob as mais diversas formas, mas sempre com a mesma vestimenta, ou seja, como justificar produtivamente esse tempo. O tempo livre devia ser realmente “livre”. Para transformar “o chumbo do tempo livre no ouro do lazer, temos que nos livrar do relógio. Esse é o começo”.

A produtividade é um valor supremo, mas para fazer o quê? Não seria para ampliar as necessidades que trazem proveito aos homens? Em todo caso, traz promessas de uma vida melhor, por meio de uma “felicidade administrada”. Assim, o tempo livre funciona como uma válvula de segurança e só. Não traz autênticas satisfações, pois o ócio pertence à sociedade, repressiva por natureza. A respeito do ócio, o aparato faz pesar suas exigências econômicas, sua política de defesa e de expansão sobre o tempo livre, no campo da cultura material e intelectual. A padronização dos gostos no ócio, condicionados pelos meios de comunicação de massa, é o indicador da função ideológica da igualdade das classes.

A alienação objetivou-se no processo de produção. Os indivíduos identificam-se, hoje, com a existência que lhes é imposta e nela encontram realização e satisfação. Se houvesse automação completa no terreno da necessidade (o trabalho), o homem beneficiar-se-ia de um tempo livre tal que poderia, finalmente, dar forma à sua vida privada e social (THOMPSON, 1991).

2.2.1.2. A questão da atitude

Nas suas análises sobre as diferenças culturais que opõem os grupos sociais, sejam as sociedades industrializadas, sejam as chamadas sociedades tradicionais, como a sociedade *kabyla*, por exemplo, à qual Pierre Bourdieu dedicou vários trabalhos, ele usa raramente o conceito antropológico de cultura. Em seus textos, a palavra "cultura" é tomada geralmente em um sentido mais restrito e mais clássico, que remete às "obras culturais", isto é, aos produtos simbólicos socialmente valorizados ligados ao domínio das artes e das letras. Bourdieu é considerado um dos principais representantes da sociologia da cultura (que adota a acepção restrita do termo), porque se dedica à elucidação dos mecanismos sociais que dão origem à criação artística e dos que explicam os diferentes modos de consumo da cultura (no sentido restrito), segundo os grupos sociais. Para suas análises, as práticas culturais estão estreitamente ligadas à estratificação social.

Bourdieu (1980, p. 88) tratou da cultura no sentido antropológico, recorrendo a outro conceito, o *habitus*:

Os *habitus* são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações, que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los.

As disposições tratadas aqui são adquiridas por uma série de condicionamentos próprios a certos modos de vida particulares. O *habitus* é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais. Às diferentes posições em um espaço social dado correspondem estilos de vida que são a expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência.

Bourdieu (1980, p. 81) afirmou que o “*habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores”. Ele permite ao grupo “perseverar em seu ser”. O *habitus* é profundamente interiorizado e não implica consciência dos indivíduos para ser eficaz. Ele é “capaz de inventar meios novos de desempenhar as antigas funções diante de situações novas”. Ele explica por que os membros de uma mesma classe agem freqüentemente de maneira semelhante sem ter necessidade de entrar em acordo para isso.

O *habitus* é então, segundo Bourdieu, o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com a sua vinculação social. Ele torna possível para o indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras que são guiadas por esquemas inconscientes, “esquemas de percepção, de pensamento e de ação”, que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e de “experiências primitivas” que a ele estão ligadas e que têm um “peso desmesurado” em relação às experiências posteriores.

A questão do *habitus* proposta por Bourdieu se relaciona intimamente com a categoria atitude, descrita nos objetivos deste estudo, ou seja, a realização e vivência de momentos de lazer implicam com as experiências dos indivíduos, seus posicionamentos e ações se ligam à prontidão para a realização das atividades, intimamente ligadas ao mundo da cultura.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas, sendo que:

O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural. Ao longo desta evolução, que resulta no *Homo sapiens sapiens*, o primeiro homem, houve uma formidável regressão dos instintos, substituídos progressivamente pela cultura, isto é, por esta adaptação imaginada e controlada pelo homem que se revela muito mais funcional que a adaptação genética por ser muito mais flexível, mais fácil e rapidamente transmissível. A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também

adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza (CUCHE, 2002, p.10).

Segundo esse mesmo autor, se todas as "populações" humanas possuem a mesma carga genética, elas se diferenciam por suas escolhas culturais⁴, cada uma inventando soluções originais para os problemas que lhe são colocados. No entanto, essas diferenças não são irredutíveis umas às outras, pois, considerando a unidade genética da humanidade, elas representam aplicações de princípios culturais universais, princípios suscetíveis de evoluções e até de transformações.

Para Bodei (2001, p. 72):

A ação humana para Weber, dá sentido a um universo dele privado, atribuindo à realidade "valores", objeto de fins humanos, e construindo instrumentos, meios, não dos valores, entre os quais se registra um conflito, um "politeísmo", não componível. Das diferentes formas de ação dotadas de sentido (racional com relação a fins, racional com relação a valores, passional-emotiva, tradicional), o capitalismo desenvolve plenamente apenas a primeira, empurrando para a esfera privada e penalizando todas as outras. A racionalidade capitalista é puramente instrumental, baseada na eficiência, na destruição das certezas dos conteúdos tradicionais, no controle e no esfriamento da emotividade, na suspensão do significado geral dos outros valores. O Estado e a sociedade são organizados com os mesmos critérios da empresa capitalista e o mundo foi desencantado, privado dos seus substratos mágicos, tornado mais seguro, ordenado, calculável e cientificamente compreensível.

Assim, pensar e agir se relacionam intimamente com o sistema e lógica das relações que incidem sobre as pessoas. Desse modo, o homem reage diante dos estímulos colocados pelo meio de forma a desenvolver determinados sentidos e significados sobre vivências e necessidades.

Os indivíduos podem agir subjetivamente pelos mais diversos motivos, mas o resultado dos seus atos, o fato social obedece a uma lógica própria, possui uma constrictão específica: "è um fato social qualquer modo de fazer, mais ou menos

⁴ A noção de cultura se revela, então, o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. As diferenças que poderiam parecer mais ligadas a propriedades biológicas particulares, a exemplo da diferença de sexo, não podem ser jamais observadas "em estado bruto" (natural), pois, por assim dizer, a cultura se apropria delas "imediatamente": a divisão sexual dos papéis e das tarefas nas sociedades resulta fundamentalmente da cultura e, por isso, varia de uma sociedade para outra (CUCHE, 2002, p. 10).

fixado, capaz de exercer sobre o indivíduo uma constrição externa; ou, ainda, que é geral no interior de dada sociedade, tendo uma existência própria independente” (BODEI, 2001).

Pensar em cultura remete à questão da mudança, ou seja, a interlocução entre experiências vividas em contextos diversos, em que sensações e percepções que permitem estabelecer leituras e entendimentos se articulam com o tempo e cenários onde as práticas são mostradas em territorialidades distintas, locais, lugares, espaços onde a dinâmica cultural se processa, constituindo permanentes mobilidades.

A localização é, pois, um fenômeno instável e universal, instável porque universal e porque as relações entre localização e objetivos são múltiplas e raramente estacionam apenas na utilidade do lugar com relação à realização do objetivo. Ela aparece, então, como um processo de construção da ação, instável, de múltiplas facetas, multidimensional, polissêmico. O lugar constitui aí um contexto de ação, que permite chegar a tipos de recursos, desenvolver formas e construção da ação, ou que apresente uma generosidade maior ou menor (BOURDIN, 2001, p. 168).

Bourdieu (2000, p. 195) relatou que:

O espaço social⁵ está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições semelhantes ou vizinhas e submetidos a condicionamentos semelhantes, e têm toda a probabilidade de possuírem disposições e interesses semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes. As disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição, o que Goffman chamava de *sense of one's place*. É este *sense of one's place* que, nas interações, leva as pessoas que em francês são chamadas de “pessoas modestas” a se manterem modestamente em seu lugar, e os outros a guardarem as distâncias ou a manterem sua posição, a não terem intimidades. De passagem, é preciso dizer que essas estratégias podem ser perfeitamente inconscientes e adquirir a forma daquilo que é chamado de timidez ou arrogância. De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a

⁵ A noção de espaço social permite escapar à alternativa do nominalismo e do realismo em matéria de classes sociais enquanto *corporate bodies*, grupos permanentes, dotados de órgãos permanentes de representação, de siglas etc.; tem muito mais possibilidade de ser bem-sucedido à medida que os agentes que se pretendem reunir, unificar, constituir como grupo, estiverem mais próximos no espaço social (logo, pertencentes à mesma classe no papel). As classes no sentido de Marx estão por fazer-se mediante um trabalho político que possui tanto mais possibilidades de ser bem-sucedido quanto mais se munir de uma teoria bem fundada na realidade; logo, mais capaz de exercer um efeito de teoria – *theorien*, em grego, quer dizer “ver” –, isto é, de impor uma visão das divisões (BOURDIEU, 2000, p. 156).

linguagem e com o tempo (outros aspectos estruturais da prática que a visão subjetivista ignora).

A realidade cultural tem sua lógica interna, dando sentido às práticas existentes, aos costumes, concepções e constatações a que são tratadas. Para o grupamento humano que vive essa cultura, sua significância é contemplada, a história constrói o sentido. As diferenças entre as culturas existem. Pessoas de culturas diferentes podem ser facilmente identificadas por uma série de características, como modo de pensar e de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar as diferenças lingüísticas.

Para Santos (2000, p.18), o conceito de cultura está intimamente ligado às expressões de autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das “relações profundas dos homens com seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas”.

Essa genuinidade da cultura pode ser entendida como se suas raízes e frações estivessem sendo influenciadas e ressignificadas pela indústria cultural⁶, de maneira a reproduzir e implementar lógicas próprias, tendo como característica principal a questão do consumo:

O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deixou raízes mais profundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta. Tudo, ou quase, tornou-se objeto de manipulação bem azeitada, embora nem sempre bem sucedida (SANTOS, 2000, p. 18).

⁶ As expressão indústria cultural procura compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionada à mercadorização da cultura, sua banalização e reificação. O que Horkheimer e Adorno supunham como inteiramente novo – já que parece desde muito ter havido algum tipo de negócio com os artefatos culturais – é que obras de arte, que deveriam expressar os mais sublimes e tensos sentimentos humanos – registrando, nas suas diversas formas, a dor, o sofrimento, a esperança da felicidade, o medo, o ódio, as paixões de todas as matizes, mostrando, *para além do conceito*, que haveria de *demasiadamente humano* – passam a ser produzidas na esfera de circulação e do consumo, para o entretenimento e ocupação do “tempo livre”. Em seu lugar, a banalidade do já conhecido, a repetição incessante, a *marteladas*, daquilo que é pouco complexo, o sempre igual repetido incessantemente como um círculo infernal. Diz Adorno (1997, v. 10-1), que tem tempos de sociedade administrada e indústria cultural, a produção da arte não é *também* mercadoria, mas o é antes de tudo (VAZ, 2002, p. 112).

Cuche (2000), citando Levi Strauss (1998), revelou que cultura é todo o conjunto etnográfico que apresenta, em relação a outros, diferenças significativas, do ponto de vista da pesquisa. Se procurarmos determinar diferenças significativas entre a América do Norte e a Europa, tratá-las-emos como culturas diferentes; mas, supondo que o interesse se volte para as diferenças significativas entre, digamos – Paris e Marselha, esses dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente vistos como duas unidades culturais. Uma mesma coleção de indivíduos, desde que ela seja objetivamente dada no tempo e no espaço, depende simultaneamente de vários sistemas de cultura: universal, continental, nacional, confessional, local, familiar, profissional, confessional e político.

Não há verdadeira descontinuidade entre as culturas que, pouco a pouco, estão em comunicação umas com as outras, ao menos no interior de um dado espaço social. As culturas particulares não são totalmente estranhas umas às outras, mesmo quando elas acentuam suas diferenças para melhor se afirmar e se distinguir. Essa constatação deve levar o pesquisador a adotar um procedimento "continuista" que privilegie a dimensão racional interna e externa dos sistemas culturais em contato (AMSELLE, 1990 apud CUCHE, 2000).

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade se inscrevem no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos de 1960-1970 (BRETON, 2006, p. 81).

Tratando ainda dessa relação entre corpo e cultura, Sant'anna (1995) mostrou, citando Michel de Certeau, que cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua. Portanto, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Pensar o corpo dessa forma implica considerá-lo como passível de mudanças e funciona como uma memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, que demonstra os limites científicos e tecnológicos de cada época e as soluções elaborados por diferentes sociedades.

Marcel Mauss tem o mérito de, pela primeira vez, ter incluído o corpo e o que ele chamou de "técnicas corporais" no âmbito dos estudos antropológicos. Mauss considerou os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, passíveis de transmissão através das gerações e imbuídas de significados específicos.

Afirmou também que determinada forma de uso do corpo pode influenciar a própria estrutura fisiológica dos indivíduos. Um dos exemplos que ele citou foi a posição de cócoras, adotada em vários países, que causa uma nova conformação muscular nos membros inferiores (DAOLIO, 1994).

Castro (2003) apresentou que “Marcel Mauss, em um estudo intitulado ‘As Técnicas Corporais’, explora a idéia de que as técnicas do corpo resultam das relações entre o homem e a sociedade, uma vez que, estando o homem inserido em determinada organização social, o corpo seria utilizado por meio de um conjunto de técnicas definidas socialmente”.

Para Marcel Mauss, o estudo das técnicas do corpo, a partir da compensação do homem total, justifica-se por meio da observação de que seu uso técnico deve romper com as explicações restritas de cada campo de conhecimento, isto é, a biologia somente não explica a funcionalidade do uso técnico do corpo, uma vez que os tendões e os ossos, por exemplo, assumem determinada forma como decorrência de certa maneira que nos comportamos. Portanto, o referido autor constatou que “no uso técnico do corpo existem coisas que acreditamos ser de ordem hereditária, mas que, na realidade, são de ordem fisiológica, psicológica e sociológica” (CASTRO, 2003, p. 82).

Se o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo, seria empobrecedor analisá-lo tomando-o como algo já pronto e construído. O corpo é um processo, resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos. Ele pertence menos à natureza que à história. É inútil retroceder a um suposto grau zero das civilizações para encontrar um corpo impermeável às marcas da cultura. Em vez disso, cabe problematizar o que torna possível as práticas e representações corporais em determinada época (SANT’ANNA, 1995).

O corpo não é, assim, apenas texto da cultura, mas um lugar prático direto de controle social. Por meio da organização e da regulação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas cotidianas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (BORDO, 1997).

Para Daolio (1994), no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança andar

ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de certo tempo de sono, a postura no colo. Para reforçar esse ponto de vista, Kofes (1985) afirmou que o corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai-se expressar por meio de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente como cultura. DaMatta (1997, p. 76) chegou a afirmar que “(...) tudo indica que existem tantos corpos quanto há sociedades”.

O homem, por meio do seu corpo, assimila e se apropria de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo (DAOLIO, 1994).

Farias (2004), citando Novais e Vilhena (2003), relatou que:

Na cultura do corpo, os discursos científicos, teológicos, publicitários, médicos e estéticos impulsionam a criação de representações e práticas corporais, que dão sentido ao mundo. Sob o aval da ciência, diversos mecanismos atrelados a julgamentos morais e significados sociais determinam padrões estéticos. Mediante estes padrões, a sociedade controla a aparência em torno daquilo que é considerado próprio, adequado ou normal. ‘Garantindo’ a felicidade plena, a ciência promete novas utopias, esperanças ou ilusões quanto à imortalidade do corpo, imperfeições e envelhecimento. As práticas corporais associadas à saúde, à vitalidade e à beleza prometem eliminar a inquietude que o olhar do outro provoca, por meio do esforço, determinação e disciplina.

Através da distribuição das propriedades, o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida (BOURDIEU, 2000).

O corpo pode ser visto, assim, como maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade na qual estejamos envolvidos, em que valores são expressos num processo constituído historicamente, sujeitos a interesses, necessidades, manipulações e fragmentações.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados o local de estudo, a população e a amostra, bem como os métodos de coleta e análise dos dados e a descrição e operacionalização das variáveis de análise.

3.1. Local de estudo: a Universidade Federal de Viçosa

Viçosa, no período da mineração, no século XVIII, foi responsável pelo abastecimento das populações mineradoras da região. Sua economia era basicamente mantida por criações de pequenos animais e policultura, sofrendo mudanças com a inserção da cultura cafeeira.

Com o declínio do preço do café no mercado mundial, suas antigas lavouras foram transformadas em pastagens para a sustentação de uma pecuária leiteira extensiva, e a agricultura cafeeira se transformou em agricultura de subsistência. Houve nesse momento um período de crise tanto na economia do Estado quanto na economia do país e que se refletia na economia local.

Segundo Borges (2000), é possível que outros homens públicos tenham refletido sobre o problema; contudo, foi o estadista Arthur da Silva Bernardes, então Presidente do Estado de Minas Gerais, quem iniciou uma das soluções para resolver o empirismo dominante na agricultura e na pecuária. Com a Lei nº 761, de 6 de setembro de 1920, que assinou com seu Secretário da Agricultura Clodomiro Augusto de Oliveira, autorizou o Governo do Estado a criar uma Escola Superior de

Agricultura e Veterinária e implantá-la no local que melhores condições apresentasse para o seu funcionamento. A Lei é bem específica quanto ao fim a que a Escola era destinada. Em seu artigo 4º reza que: “Esta escola terá por objectivo ministrar o ensino prático e theorico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentaes que concorram para o desenvolvimento de taes sciencias no Estado de Minas Geraes” (p. 25).

Para Ribeiro (1996), o Presidente do Estado resolveu, de início, que a Escola fosse estabelecida nos moldes dos “Lands Grant Colleges⁷” americanos, cujas atividades nos três campos básicos da filosofia em que foram fundados – ensino, pesquisa e extensão – deram extraordinário desenvolvimento à agropecuária dos Estados Unidos.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) teve, então, sua origem na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), fundada oficialmente no dia 1º de agosto de 1927, e iniciou seus trabalhos, com a instalação de cursos fundamental e médio. Com a criação do Curso de Ciências Domésticas, foi criada a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), em 15 de dezembro de 1949, permanecendo até 15 de julho de 1969, quando foi instituída a Universidade Federal de Viçosa (BORGES, 2000).

A UFV contava, no início de 2007, com quatro Centros de Ciências, duas unidades que ministram o ensino médio – oferecem dois cursos de ensino médio geral, um de ensino médio técnico –, 38 de graduação, 30 de mestrado, 18 de doutorado e, ainda, estágios de pós-doutoramento.

Segundo Lopes (1995), a Universidade Federal de Viçosa figura no cenário das escolas brasileiras como uma dessas instituições decisivas na formação de um “ethos” acadêmico e ideológico, constituindo-se em uma Escola de pensamento acerca da agricultura não apenas do Estado de Minas Gerais, mas em níveis nacional e internacional. De acordo com a referida autora, isso se comprova pela publicação na Revista Veja sobre a Universidade de Viçosa, que, embora já apresente uma

⁷ Eram tomados como um modelo de ensino já aprovado na América do Norte, à medida que buscavam encontrar soluções agronômicas para os problemas dos *farmers* americanos, através de uma prática agrícola que racionalizasse a produção, utilizasse de forma adequada o solo, transformasse o saber rotineiro em saber científico, não oriundo da ciência até então prevalecente, mas de uma ciência em que a aplicação prática fosse tão valorizada quanto a aquisição do conhecimento por ela mesma. O lema era aprender-fazendo.

diversidade de cursos superiores bem maior do que quando de sua criação, continua sendo objetivada para o público externo – nacional – como uma universidade rural.

3.2. População e amostra

A população estudada foi composta por homens e mulheres, com cargo de professores efetivos no ensino superior da Universidade Federal de Viçosa, nas diferentes áreas do conhecimento, dispostos nos quatro Centros de Ciências, a saber: Centro de Ciências Agrárias (CCA), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB), Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE) e Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH).

A Universidade Federal de Viçosa conta com 815 professores: 318 no CCA, 188 no CCB, 175 no CCE e 134 no CCH.

Para determinação da amostra, empregou-se o método de amostragem probabilístico, com o uso da amostragem aleatória simples proporcional por Centro, para garantir, assim, que um número apropriado de docentes de cada Centro fizesse parte da amostra (BABBIE, 2003). Dessa maneira, fizeram parte da amostra 33% (265 docentes) dos professores da Universidade Federal de Viçosa. Assim, a amostra foi composta de 23% dos professores (61) pertencentes ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 29% do Centro de Ciências Agrárias (77 professores), 26% do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (69 professores) e 22% (58 professores) do Centro de Ciências Biológicas.

3.3. Métodos de coleta e análise dos dados

Diante do problema de pesquisa proposto e dos objetivos traçados, esta pesquisa, de caráter descritivo-explicativo, utilizou do *survey* interseccional (*cross-sectional*). O instrumento empregado para a coleta de dados foi o questionário, que seguiu um roteiro semi-estruturado (ANEXO A).

Os questionários foram apresentados aos professores em versão impressa, entregues em mãos, sendo estabelecida uma data para seu retorno. Na entrega, foi explicado o objetivo da pesquisa, bem como o comprometimento com o envio das considerações finais do estudo. O período estipulado para os docentes responderem ao questionário foi de três dias.

Os dados quantitativos foram tabulados e analisados em termos de média, frequência e correlação entre as variáveis, sendo utilizado o Statistical Package for Social Sciences (SPSS).

Os dados qualitativos foram analisados com a utilização do *MaxQda*, para fim de tabulação e organização dos dados fornecidos pelo instrumento de coleta, relacionando-se as categorias com a literatura em questão.

3.4. Descrição e operacionalização das variáveis de análise

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas as seguintes variáveis: a) perfil pessoal e familiar do professor e b) caracterização das práticas de lazer, considerando-se tempo e atitude.

3.4.1. Variáveis relacionadas ao perfil pessoal do professor

Idade média: medida em anos.

Sexo: masculino e feminino.

Titulação: grau máximo de formação obtido.

Regime de trabalho: número de horas semanais de trabalho.

Remuneração: vencimentos recebidos.

Área de trabalho: Centro ao qual pertence.

Naturalidade: identificada pela origem do professor, se do próprio município, outros municípios de Minas Gerais, outro Estado ou outro país.

3.4.2. Variáveis associadas ao perfil familiar

Tamanho médio da família: números de membros componentes da família e números de filhos.

Composição da família: em termos da especificação de todos aos seus componentes, que foram caracterizados pelo sexo (masculino/feminino), idade (em anos), naturalidade (do mesmo município, do mesmo estado, outro estado ou exterior), estado civil (solteiro, casado, amigado, separado, desquitado, divorciado ou viúvo), condição da ocupação quando trabalhavam e, no caso de estarem desempregados, quais eram os motivos).

Tipo de família: baseado em Goldani (1994), o tipo de família foi caracterizado como: família nuclear (pai, mãe e filhos), monoparental (pai ou mãe e filhos), extensa (pai, mãe, filhos e outros parentes), composta (pai, mãe e outros membros não-familiares) e outros (criança sem a presença dos pais).

Etapas do ciclo de vida das famílias: de acordo com Montali (1994), as etapas do ciclo de vida foram delimitados como: formação (casal sem filhos ou com filhos menores de 12 anos), intermediária ou de maturação (casal que possui filhos adolescentes, maiores de 12 anos) e dispersão (casal acima de 50 anos, com filhos adultos que podem estar dentro ou fora de casa).

Nível médio de escolaridade da família: medido pela razão entre o somatório dos anos de estudo de cada membro (maior de 14 anos) e o número de membros acima de 14 anos.

Renda familiar: medida em reais, sendo esta considerada o somatório da renda de todos os membros da família dividido pelo número de membros. Dessa forma, foram obtidas a renda média e a renda *per capita* (renda familiar por membros) da unidade familiar.

Trabalho dos membros familiares: foi operacionalizado pela especificação da principal atividade exercida, posição na ocupação (empregado, por conta própria e desempregado), tipo de trabalho (fixo ou eventual) e existência ou não da carteira ou contrato de trabalho (sem remuneração mensal percebida em R\$).

3.4.3. Variáveis associadas à caracterização das práticas de lazer

As variáveis referentes à caracterização das práticas de lazer foram: as práticas de lazer estabelecidas e a lógica de sua existência condicionada à disponibilidade de tempo livre e à escolha e opção dos indivíduos; os objetivos dos professores nas vivências; o espaço onde o lazer acontece; a forma como os indivíduos se apresentam – presença ou não de outras pessoas; e a relação estabelecida entre os momentos de lazer com o trabalho e com a família.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, os dados obtidos são apresentados de acordo com a seguinte ordem: perfil pessoal e familiar do professor e caracterização das práticas de lazer, considerando-se tempo e atitude.

4.1. Perfil pessoal e familiar do professor

No que se refere ao gênero, os professores estudados eram, em sua maioria, do sexo masculino (62,6%) e o restante, do sexo feminino (37,4%). Há estudos que demonstram aumento no número de mulheres professoras. Se comparar com dados da década de 1980, pode-se observar um nítido crescimento nesse número. Com relação à faixa etária, percebeu-se que 22,2% dos participantes do estudo tinham entre 25 e 30 anos; 13,6% entre 30 e 35 anos; 25,7% entre 35 e 40 anos; 18,1% entre 40 e 45 anos; e 20,4% acima de 45 anos.

Sobre o estado civil, 70,9% dos professores eram casados e 71,3% tinham filhos. Quanto ao número de filhos, 24,8% tinham um filho, 46,1% dois filhos, 23,3% três filhos, 3,8% quatro filhos e 0,5% cinco filhos (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil demográfico dos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Frequência	Porcentagem (%)
Sexo		
Feminino	99	37,4
Masculino	166	62,6
Faixa Etária		
Entre 25 e 30 anos	59	22,2
Entre 30 e 35 anos	36	13,6
Entre 35 e 40 anos	68	25,7
Entre 40 e 45 anos	48	18,1
Acima de 45 anos	54	20,4
Estado civil		
Solteiro	52	19,6
Casado	188	70,9
Viúvo	4	1,5
Divorciado	21	7,9
Filhos		
Sim	189	71,3
Não	76	28,7
Número de filhos		
Um filho	47	24,8
Dois filhos	87	46,1
Três filhos	44	23,3
Quatro filhos	10	5,3
Cinco filhos	1	0,5

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à distribuição dos participantes do estudo, verificou-se que a amostra foi composta por membros dos seguintes departamentos: Administração (3,8%), Economia (3,0%), Artes e Humanidades (5,3%), Direito (2,3%), Economia Doméstica (2,3%), Educação (3,4%), Letras (3,0%), Engenharia Agrícola (4,9%),

Engenharia Florestal (5,7%), Fitopatologia (2,6%), Fitotecnia (3,4%), Solos (4,5%), Zootecnia (3,8%), Economia Rural (4,2%), Nutrição e Saúde (4,2%), Educação Física (5,3%), Veterinária (4,9%), Biologia (7,5%), Engenharia Elétrica e Produção (2,3%), Engenharia Civil (3,8%), Física (3,4%), Informática (3,4%), Matemática (3,4%), Química (3,8%), Tecnologia de Alimentos (2,6%) e Arquitetura e Urbanismo (3,4%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos professores entrevistados, por departamento, Viçosa, MG, 2008

Centro	Departamento	Frequência	Porcentagem (%)
Centro de Ciências Agrárias	Engenharia Agrícola	13	4,9
	Engenharia Florestal	15	5,7
	Fitopatologia	7	2,6
	Fitotecnia	9	3,4
	Solos	12	4,5
	Zootecnia	10	3,8
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde	Biologia	20	7,5
	Educação Física	14	5,3
	Nutrição e Saúde	11	4,2
	Veterinária	13	4,9
Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas	Arquitetura e Urbanismo	9	3,4
	Engenharia Civil	10	3,8
	Engenharia Elétrica e Produção	6	2,3
	Física	9	3,4
	Informática	9	3,4
	Matemática	9	3,4
	Química	10	3,8
	Tecnologia de Alimentos	7	2,6
	Administração	10	3,8
	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	Artes e Humanidades	14
Direito		6	2,3
Economia		8	3,0
Economia Doméstica		6	2,3
Economia Rural		11	4,2
Educação		9	3,4
Letras		8	3,0
Total		265	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos professores estudados possuía tempo de serviço acima de 20 anos (36,2%), enquanto 21,9% há menos de 5 anos, 6,8% entre 5 e 10 anos, 20,8% entre 10 e 15 anos e 14,3% entre 15 e 20 anos (Tabela 3).

Tabela 3 – Vínculo empregatício dos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Frequência	Porcentagem (%)
Tempo de Ingresso na UFV		
Há menos de 5 anos	58	21,9
Entre 5 e 10 anos	18	6,8
Entre 10 e 15 anos	55	20,8
Entre 15 e 20 anos	38	14,3
Acima de 20 anos	96	36,2
Titulação Máxima Obtida		
Pós-Doutor	28	10,6
Doutor	179	67,5
Mestre	42	15,8
Especialista	5	1,9
Graduado	11	4,2
Regime de Trabalho na Instituição		
20 horas	2	0,8
40 horas	22	8,3
Dedicação exclusiva	240	90,6
Professor visitante	1	0,4

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à titulação dos professores, 10,6% tinham pós-doutorado, 67,6% doutorado, 15,8% mestrado, 1,9% especialização e 4,2% graduação.

Quanto ao regime de trabalho dos professores, a maioria trabalhava em regime de dedicação exclusiva (90,6%), 8,3%, em regime de 40 horas e 0,8% em regime de 20 horas.

4.2. Caracterização das práticas de lazer no cotidiano pessoal e familiar dos docentes

Inicialmente, os docentes foram questionados a respeito do significado do lazer. Para 42% dos professores, lazer é o momento de descanso, um horário em que não há espaço para se expressar sobre trabalho. Assim, a questão da produção não faz parte desse momento, pois se trata de um período no qual seu preenchimento se relaciona com fuga da rotina, bem como relaxamento, distração e entretenimento, como nos depoimentos a seguir:

Vejo meu lazer como momento de descanso, onde fico mais relaxada mais a vontade, momento onde faço outras atividades sem ser as que faço cotidianamente, especificamente no trabalho. A minha vida é muito voltada para o trabalho. Meu lazer, sou eu, meu marido e minha filha (DNS, 48 anos, casada, uma filha).

Divertir, espairecer não pensar em trabalho, estar com minha família. Desligar dos problemas que minha rotina se relaciona, fazendo com que eu atinja relaxamento físico e mental (DER, 54 anos, casado, três filhos).

Toda e qualquer atividade lúdica, que causa prazer e bem estar e que não esteja diretamente relacionada com as atividades profissionais (DED, 44 anos, Solteira, sem filhos).

A respeito do significado do lazer para os professores universitários, na maioria das vezes ele foi considerado como algo que proporcione prazer, sendo uma via privilegiada de envolvimento familiar e tendo um sentido de oposição ao trabalho, uma vez que deve proporcionar descanso, divertimento e descontração.

Os professores perceberam, pois, o lazer de acordo com a perspectiva funcionalista. Ou seja, ele é um fim em si mesmo e uma possibilidade de desenvolvimento. Para Marcellino (1990), citando Requixa (1977, p. 95), “tratando o lazer dessa forma se busca a paz social e a manutenção da ordem, instrumentalizando o lazer como fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social, pela ocupação do tempo livre em atividades equilibradas, socialmente aceitas e moralmente corretas”.

Para 55% dos professores, lazer e trabalho eram esferas distintas, em que o lazer era uma compensação do trabalho. Cada uma dessas atividades tem seu tempo, embora muitos professores tenham-se confundido na divisão e percepção do tempo dedicado a cada um deles, como nos depoimentos que se seguem:

Lazer pra mim é tudo que me dá prazer, propiciando relaxamento e descanso, que me faça sentir bem comigo mesmo e minha família e que não tenha nenhuma relação com o trabalho (DTA, 52 anos, casado, três filhos).

São ocupações fora do trabalho remunerado e do trabalho doméstico que proporcionam entretenimento, cultura, relaxamento e saúde. Não fazer nada seria um lazer também (DAH, 32 anos, casada, um filho).

Uma expressão para ser designado o tempo despendido em atividades que não sejam trabalho (DZO, 45 anos, separado, dois filhos).

Já outros professores não conseguiram pensar o lazer dissociado da esfera do trabalho, pois, muitas vezes, o lazer pode ser uma preparação para o próprio prazer e o componente prazer pode estar em jogo no momento do trabalho. Essa diferença só existe para esses professores com relação ao aspecto tempo, ou seja, o trabalho tem suas exigências em termos de horas, como apresentado a seguir:

Meu lazer muitas vezes vira meu trabalho. Por exemplo às vezes quando vou para o sítio, nos finais de semana, levo alguma coisa para me preparar para alguma reunião ou levo trabalhos para corrigir, enfim algo ligado ao trabalho. Não que eu deixe de sentir prazer com isso (DAD, 44 anos, casada, uma filha).

Todo tempo de não trabalho, mas também momentos que se articulam de maneira dialética com o tempo de trabalho proporcionando prazer e relaxamento (DIR, 56 anos, casado, dois filhos).

Organizo meu tempo de acordo com minhas necessidades. Lazer pra mim é sentir prazer e fazer o que tenho vontade. Assim, se tenho muitas tarefas a realizar, meu lazer vira trabalho e mesmo assim sinto prazer, depende do que preciso no momento (DBG, 36 anos, solteira, sem filhos).

Ao questionar os docentes a respeito de suas práticas de lazer, procurou-se conhecer como eles preenchem seu tempo livre, ou seja, quais atividades realizavam no tempo fora do trabalho, seja individualmente, com familiares e, ou, amigos.

A realização dessas práticas de lazer estava intimamente ligada à questão do tempo e da atitude, sendo compromissos, obrigações, costumes, vontades e desejos interlocutores e influenciadores nas ações e intenções dos sujeitos, condicionando a

construção do cotidiano das práticas dos professores à postura e a posicionamentos diante das opções lúdicas.

Com relação às atividades desenvolvidas pelos professores no seu tempo livre, verificou-se que a mais citada foi a atividade esportiva (22,80%), seguida por atividades artísticas (18,20%) e viagens e passeios (14,20%). É interessante ressaltar que apenas 0,4% da amostra afirmou não realizar nenhuma atividade e 7,4% realizam, em seus momentos de folga, atividades relativas ao trabalho (Tabela 4).

Tabela 4 – Atividades desenvolvidas nos momentos de lazer pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008

Atividades Desenvolvidas	Frequência
Atividades Esportivas	97
Atividades Artísticas	43
Viagens e Passeios	28
Atividades em Academias, Clubes e Associações	26
Atividades Sociais	21
Atividades Relativas ao Trabalho	18
Leitura	14
Ver filmes e assistir televisão	7
Cuidar de Animais	5
Ouvir músicas	4
Pesca	4
Atividades religiosas	3
Fotografia	2
Jardinagem	2
Jogar Cartas	2
Lavar o Carro	2
Artesanato	1
Nenhuma	1

Fonte: Dados da pesquisa.

O fato de as atividades esportivas serem as preponderantes pode estar relacionado à preocupação apresentada pelos professores à saúde física, o que se apresenta como uma construção histórico-cultural. Segundo Bourdieu (2000) esta é uma questão pertinente à construção do *habitus*, ou seja, o indivíduo é direcionado

por referências que são por eles incorporadas e, assim, dirigem e organizam suas práticas.

Para possibilitar maior profundidade na análise dos dados foi realizada a análise de correlação das variáveis. Adotou-se a Correlação de Pearson, no nível de significância de 0,01.

Essa correlação apresentará um indicador que demonstra até que ponto os movimentos das variáveis estão relacionados entre si, ou seja, de que forma os posicionamentos obtidos em determinada questão se relacionam a outras características. Características demográficas como sexo, estado civil e faixa etária podem, em determinados momentos, influenciar as práticas de lazer dos sujeitos, ou seja, determinadas vivências são condicionadas à presença de certos fatores (Tabela 5).

Tabela 5 – Correlação entre atividades desenvolvidas nos momentos de lazer e o perfil demográfico dos professores, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Correlação
Sexo	0,33
Faixa etária	0,11
Estado civil	0,16
Presença de filhos	-0,04
Número de filhos	-0,2

Fonte: Dados da pesquisa.

Outras questões como áreas de atuação e departamento dos professores podem, entretanto, ser limitantes nas escolhas dos sujeitos. A questão da cultura se faz presente nesse momento, ou seja, características presentes na construção histórico-cultural do indivíduo influenciam o seu lazer, conforme destacou Gomes (2004), que apresentou o entendimento de lazer de Mascarenhas (2000), segundo o qual o lazer deve constituir um espaço de organização da cultura e ampliar as oportunidades para que se questionem os valores da ordem social vigente, de maneira que as pessoas não apenas vivenciem, mas também produzam cultura.

Sobre o momento da realização das atividades de lazer, tem-se que a maioria dos professores (85,3%) concentra essas vivências nos finais-de-semana, 11, 3% após o horário de trabalho, 2,3% antes do horário de trabalho e 1,1% no horário de almoço.

O caráter compensatório dos momentos de lazer foi reafirmado, pois ele ocorre afastado do período dedicado ao trabalho e das obrigações cotidianas. O fim-de-semana representava uma nuance temporal com grande distância das ocupações laborais. Assim, a proximidade da esfera familiar, aliada à possibilidade de contemplação e descanso, ganha destaque nesse período.

Ao relacionar as atividades de lazer nos finais de semana com a presença de filhos (0,58), número de filhos (0,38) e estado civil (0,2), percebeu-se expressiva correlação, tendo em vista que a presença de outros sujeitos pertencentes à unidade familiar pode estabelecer uma lógica diferenciada para a direção das intenções das escolhas dos momentos de lazer no âmbito da família. Por exemplo, devido ao regime de trabalho dos professores, nos finais-de-semana eles podem estar juntos com os membros de sua família, por causa de uma quantidade maior de tempo (Tabela 6).

Tabela 6 – Correlação entre momento de realização das atividades de lazer e perfil demográfico dos professores, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Correlação
Sexo	-0,17
Faixa etária	-0,32
Estado civil	0,2
Presença de filhos	0,58
Número de filhos	0,38

Fonte: Dados da Pesquisa

Esse fato ainda pode ser percebido quando se detecta que 21,1% dos professores realizam suas atividades de lazer na companhia dos filhos, ou seja, a vivência de lazer, em função das questões de tempo, intimamente ligadas às

condições de trabalho dos docentes, podem condicionar a esse docente a caracterização do seu lazer.

As experiências desses grupos, bem como suas necessidades, fazem do lazer um espaço de produção de cultura, de trocas, aprendizado, interlocuções entre tempo e espaço que demarcam e apresentam práticas dessa espécie de “lazer familiar”, conforme apresentado por Gomes (2000), em que as vivências estabelecidas nesse espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer, assim percebemos que os sujeitos tecem relações de sociabilidade.

Ao pensar nessa aproximação entre cultura e lazer, a questão do trabalho se aproxima desse contexto, pois a especificidade dessa atividade laboral, ou seja, o espaço, a área trabalhada, relaciona-se com determinado lócus de pensamento, formas de pensar, que revelam maneiras de perceber a realidade, interferindo, assim, nas necessidades, desejos e na própria maneira de organizar seu tempo disponível (Tabela 7).

Tabela 7 – Correlação entre momento de realização das atividades de lazer e características do vínculo empregatício dos professores, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Correlação
Área de atuação	0,68
Tempo de ingresso na UFV	-0,41
Titulação máxima obtida	-0,13
Regime de trabalho na instituição	0,39

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se, assim, que a área de atuação em que o docente se encontra estabelece grande correlação com as atividades desenvolvidas nos momentos de lazer, ou seja, a área de conhecimento revela gostos e preferências, bem como possibilidades reguladoras e coercitivas com a disponibilidade de tempo, em que

lógicas das atividades do trabalho possam ditar o nível de entrega a momentos de lazer.

Quando relaciona lazer, trabalho e família, o professor transmite significados e intenções refletidos pelos seus posicionamentos, interferindo na educação, nesse caso informal, das pessoas do seu convívio. Assim, a maneira como esses docentes se apresentam nos momentos de tempo livre, em face das obrigações do trabalho, se relaciona intimamente com a questão da educação.

De acordo com Marcellino (2002), o lazer possui um duplo processo educativo e não deve ser considerado apenas como um mero artigo de consumo. Com base nesse pressuposto, ele assume um papel tanto de veículo quanto de objeto de educação. Educar pelo lazer seria, então, fazer uso de vivências e experiências como alternativas de ampliação, de conhecimento e de desenvolvimento social, político, cultural e intelectual, numa tentativa de formação de pessoas mais críticas enquanto cidadãs. Já a educação para o lazer pode ser entendida como a ampliação do conhecimento acerca de atividades de lazer, desconsiderando-se modismos e pacotes preestabelecidos, aumentando, assim, as possibilidades de opção.

A área de conhecimento imprime suas concepções sobre a realidade social, permitindo a exposição de suas atitudes diante das suas esferas cotidianas, bem como o fato de cada departamento se articular com práticas próprias de trabalho e de relação com a questão do tempo. Assim, determinadas atividades desenvolvidas nos momentos de lazer têm correlação expressiva quando relacionadas com a área em que o docente se encontra (Tabela 8).

Tabela 8 – Correlação entre atividades desenvolvidas nos momentos de lazer e o Centro de Ciências em que o docente se encontra, Viçosa, MG, 2008

Variáveis	Correlação
Centro de Ciências Agrárias	0,21
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde	0,30
Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas	0,11
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	0,43

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos com o quadro descrito anteriormente que no Centro de Ciências Humanas temos a maior correlação apresentada. Isso significa que o universo das atividades de lazer realizadas pelos professores se concentra nessa área de estudos, ou seja, esses professores dispõem de maior diversidade de opções lúdicas, em dado tempo disponível.

4.3. Contextualização do tempo das vivências de lazer no contexto familiar e laboral dos professores

A questão do tempo se faz presente no cotidiano das pessoas, delimitando escolhas e diretividades e permitindo uma distribuição das situações apresentadas de acordo com prioridades, gostos e preferências, condicionadas por fatores diversos, como o trabalho, a família e o lazer.

Com relação à organização e direcionamento desse tempo, 17,4% dos professores pertencentes à amostra dedicavam, em média, 48 horas às atividades de lazer nos finais-de-semana. Todavia, 9,4% da amostra alegou não ter tempo para as vivências de lazer, revelando não considerar o fim-de-semana como possibilidade de lazer, uma vez que esse tempo pode-se relacionar com atividades de trabalho (Figura 1). O tempo médio dedicado ao lazer durante os finais-de-semana é de 16 horas.

No cotidiano do lazer dos professores, foi observado o “caráter literário” do lazer⁸, em que o tempo de lazer se articula com a liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas); todavia, essa livre escolha do indivíduo se relaciona com a dinâmica interna da família.

O cotidiano da família ofereceu subsídios para essa estruturação do tempo, pois papéis foram estabelecidos nessa organização, ou seja, homens e mulheres se apresentaram nas vivências de lazer, condicionadas aos laços estabelecidos no âmbito da família, em sua lógica interna, que delimita a lógica do tempo livre.

Durante a semana, 30,9% dos professores alegaram não realizar atividades de lazer, sendo o tempo médio dedicado ao lazer durante a semana de 12 horas (Figura 2).

⁸ Categoria estabelecida por Jofre Dumazedier (1973), sendo *nessa categoria* o lazer considerado como liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas) e resulta de uma livre escolha.

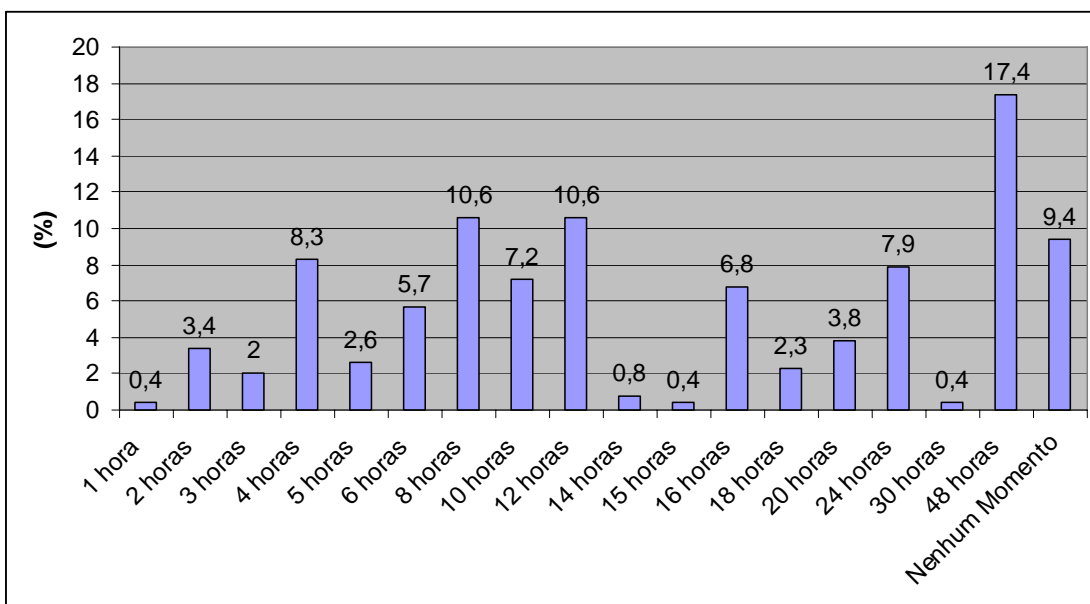


Figura 1 – Tempo dedicado ao lazer nos finais-de-semana pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008.

Fonte: Dados da pesquisa.

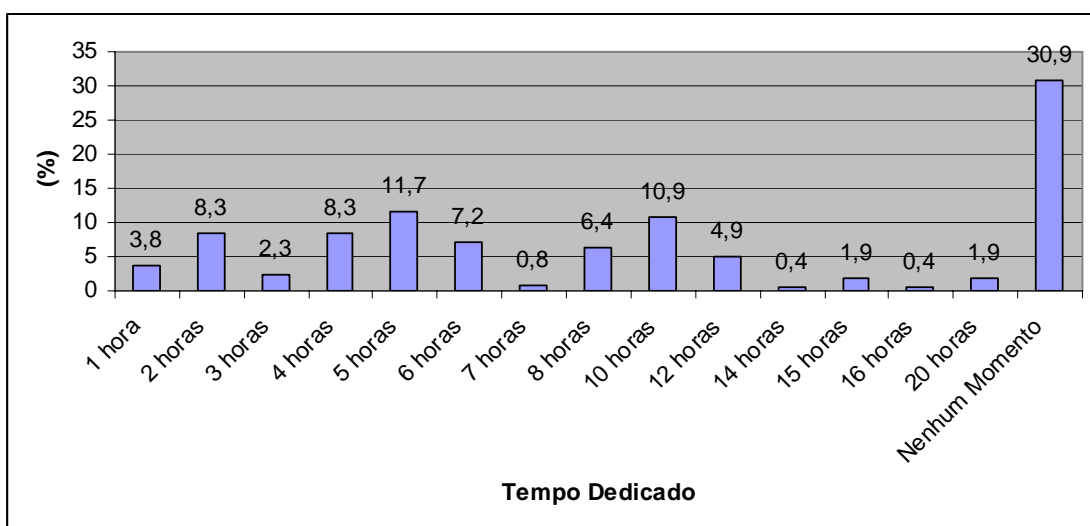


Figura 2 – Tempo dedicado ao lazer durante a semana pelos professores entrevistados, Viçosa, MG, 2008.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse momento, a relação dialética entre lazer e trabalho foi apresentada, pois se pôde verificar que a presença da atividade laboral comprometeu a realização de atividades de lazer, bem como as atividades de lazer podem comprometer determinada dedicação a objetivos do trabalho.

A quantidade de tempo destinado à esfera do trabalho pode adentrar nos momentos de lazer, tendo em vista que todos os professores levam trabalho para casa, mesmo que de maneira não constante. Nesse sentido, é importante identificar qual é a quantidade de tempo dedicada ao lazer, ao trabalho e às obrigações familiares.

A relação das pessoas com o tempo, além de sofrer influência de uma série de fatores, apresenta-se de forma individual. Para pensar o tempo, tem-se que refletir sobre a lógica das exigências do trabalho, das obrigações familiares e acadêmicas, do meio em que está inserido e também das características pessoais.

Outro fator que deve ser considerado ao se permitir conceituar lazer são as questões de gênero. Como um homem vê o lazer? E a mulher? Percebe-se claramente que há diferenças entre padrões masculinos e femininos na sociedade. Recorrendo à história, os valores, sentimentos e formas de congraçamento foram construídos sob a inferioridade da mulher perante a superioridade masculina, concedendo aos homens maior participação na vida cultural.

Na amostra estudada, percebeu-se que 58,4% dos homens dedicavam acima de 12 horas semanais aos momentos de lazer, enquanto 51,6% das mulheres desfrutavam menos que 12 horas.

Isso pode ser explicado pelo fato de que ainda cabem à mulher maiores responsabilidades familiares. Segundo a Diretoria de Recursos Humanos da UFV, 45% dos professores da Instituição são do sexo feminino, e seu crescimento têm aumentado consideravelmente nos últimos anos. Há de ressaltar que na amostra estudada não há diferença salarial entre homens e mulheres quando ocupam posições semelhantes.

Ao relacionar tempo e afazeres cotidianos, as pessoas tecem conceitos e percepções sobre o que seria lazer, ou seja, atribuem a essa esfera características próprias, com limites e possibilidades, revelando sua leitura sobre a temática.

4.4. A atitude dos professores quanto às vivências de lazer

Sobre o aspecto atitude, pôde-se perceber que a predisposição e prontidão para os momentos de lazer se relacionavam a aspectos como saúde, manutenção da capacidade física, prazer, divertimento e, em alguns momentos, desenvolvimento.

Um dos fatores determinantes do envolvimento dos indivíduos em atividades de lazer são as atitudes. Nesse sentido, as atitudes positivas tendem a estar relacionadas com maior envolvimento em atividades de lazer.

Grande parte dos professores enfatizaram o componente físico do lazer, ou seja, o conteúdo físico, encarando-o como única forma de lazer e não estabelecendo claramente uma diferença entre atividade física regular e o lazer propriamente dito, como indicam as falas seguintes:

Vejo a atividade física importante para minha saúde e de minha família. Pratico esporte desde criança e sempre ocupo meu tempo com algo que sempre me deixe em movimento. Dedico uma hora por dia a essa atividade (DES, 50 anos, casado, três filhos).

É o momento que tenho pra cuidar do meu corpo e mente. Através das caminhadas busco relaxamento e manutenção da minha capacidade física para resistir às tensões do cotidiano (DEQ, 46 anos, casado, dois filhos).

Como meu trabalho tende a roubar o meu tempo, e ao mesmo tempo cria necessidades para meu corpo. Se não equilibro o binômio trabalho-lazer, tenho problemas de saúde (DEF, 38 anos, solteira, sem filhos).

Jogo futebol com meus amigos e tênis com meus filhos, não tenho tempo durante a semana para ir à academia ou correr. Assim, aproveito para estar com eles e melhorar meu condicionamento (DER, 42 anos, casado, dois filhos).

Assim, a aula de natação, a ginástica na academia, o encontro diário com o “personal trainer”, as atividades realizadas dentro de dado horário estabelecido semanalmente com o objetivo de desenvolvimento físico e a manutenção dessa capacidade eram encarados como lazer.

Outros professores percebiam o lazer dentro de uma ótica mais ampla, como possibilidade de vivência de outros conteúdos, não restritos ao aspecto físico, mas vendo a presença no seu cabedal de opções lúdicas, conteúdos artísticos, manuais, turísticos, esportivos e sociais, estando, assim, de acordo com Marcellino (1998), como nestas falas:

Lazer pra mim é produção de cultura, como um momento de descoberta, de criação, espaço de escolhas, de opções, que gerem satisfação, descanso, mas principalmente prazer (DER, 48 anos, separada, dois filhos).

Lazer é aprendizagem. Conhecer coisas novas, mergulhar em leituras, atividades manuais e mesmo em filmes e músicas, fazem com que haja descanso e relaxamento (DAU, 41 anos, casada, um filho).

“Lazer é um momento de descontração, divertimento, comunicação, conhecimento do mundo e das pessoas com as quais convivo diariamente (DFT, 30 anos, solteiro, sem filhos).

O *habitus*, então, o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social. Ele torna possível para o indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras que são guiadas por esquemas inconscientes, "esquemas de percepção, de pensamento e de ação" que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e de "experiências primitivas" que a ele estão ligadas e que têm um "peso desmesurado" em relação às experiências posteriores (BOURDIEU, 2000, p. 81).

O lazer também foi encarado como o modo de conhecer coisas novas, vivenciar situações onde o crescimento possa acontecer. Ou seja, escolher determinada opção de lazer significa trazer à tona conhecimento, seja da atividade em si ou algo relacionado a ela. Ou seja:

Faço o que gosto no meu tempo livre. As atividades não são sempre as mesmas, porque sempre estou disposta a inovar, a conhecer o novo. Também porque, o que os meus filhos gostam de fazer é diferente do que eu fazia na minha época (DNS, 47 anos, casada, dois filhos).

Com relação às mudanças nas opções de lazer, 66,8% alegaram não buscar novas opções lúdicas, enquanto 33,2% buscavam diversificar esses momentos. Daqueles que buscaram diversificar as atividades de lazer, 43% justificavam essa atitude por costume, 16,6% por falta de opções na cidade, 15,8% por indisponibilidade de tempo, 14,2% porque existia prazer nas atividades desenvolvidas, 6,8% porque acreditavam que era mais prático fazer sempre as mesmas coisas e 3,6% julgavam não ter recursos suficientes para buscar novas opções.

Essa questão de costume apresentada pelos professores está intimamente relacionada ao universo cultural. Pensar o lazer exige que se recorra a cenários, personagens e relações, envolvimento que se processam em dado tempo e espaço, pautado por desejos, anseios e com objetivos bem definidos, sejam estes a distração, o descanso, o desenvolvimento, que levam a diferentes sensações. O sujeito que vivencia esses momentos de lazer traz consigo as tensões do mundo contemporâneo, os impasses e conflitos do cotidiano – suas experiências, angústias e anseios, bem como seu modo de viver, seus costumes, o modo de vestir, de caminhar, de falar, enfim, suas marcas. Marcas construídas historicamente e culturalmente, revelando gostos e preferências.

A questão de diversificar ou não os momentos de lazer está intimamente ligada à multiplicidade de conteúdos e percepções que envolvem e dão consistência às vivências de tempo livre. Ou seja, o adentrar ao mundo da cultura envolve uma gama de possibilidades lúdicas.

Dos professores que buscaram diversificação dos momentos de lazer, tem-se que 15,6% alegaram não existir uma programação estabelecida de lazer, 18,6% acreditavam que a diversificação acontecia porque as atividades de lazer, em muitos momentos, estavam ligadas a interesses de outras pessoas e 37,9% buscavam novas opções de lazer.

As opções de lazer, independentemente do caráter artístico, físico, manual, social ou intelectual⁹, proporcionavam, além de educação cultural, descanso e divertimento, oportunidade de aumento do convívio com pessoas diversas que poderiam se tornar amigas ou não, reencontrando novamente ou não, diversificando suas opções de lazer e atribuindo conhecimento sobre práticas, substanciando suas intervenções.

O acesso a bens culturais pode se caracterizar como justificativa plausível para valorização dos momentos de lazer. Nesse instante, o indivíduo passa a interagir com as produções culturais da sociedade no campo da descontração, do lúdico, podendo ele também ser agente produtor e, ao mesmo tempo, contestador dos elementos neste universo.

⁹ Classificação estabelecida por Victor Andrade de Melo, em que ele delimita os interesses dos indivíduos nos seus momentos de lazer, em 2004, no seu livro *Introdução ao Lazer* (p. 28).

A interação entre as pessoas no lazer faz que as “trocas” aconteçam, que as pessoas se relacionem de modo a desconstruir e construir pensamentos e ações, modificando o meio em que vivem, conforme ilustram as falas que se seguem:

Quando me divirto conheço novas pessoas, aí o ciclo aumenta, pois um te faz um convite, fala de você para outras pessoas. Os interesses ligam muito as pessoas. Por exemplo: jogando tênis no clube, outras jogadores surgem e amanhã poderemos estar jantando juntos, ou nos encontraremos no trabalho. Viçosa é uma cidade muito pequena (DEE, 36 anos, casado, uma filha).

No meu momento de lazer sempre encontro com pessoas do meu trabalho. O círculo de convívio acaba sendo mesmo, por causa dos filhos, das preferências. Acabamos unindo o útil ao agradável (DEC, 50 anos, casada, três filhos).

As atividades de lazer que eu e minha família participamos são sempre restritas a um grupo de amigos. São os mesmos quando vamos ao clube, nos encontramos no calçadão no dia de sábado ao fazer compras e quando jantamos em restaurantes da cidade (DPS, 48 anos, casado, dois filhos).

Meu momento de lazer é relacionado ao descanso, relaxamento e qualidade de vida, busco o convívio com colegas de maior afinidade para frequentar eventos e viajar (DED, 46 anos, casada, sem filhos).

Com a ampliação do ciclo de convivências, as opções de lazer podem-se diversificar e, se não se diversificam, pelo menos ganham uma nova conotação e podem ser conduzidas de uma forma diferente, devido à interação desses novos personagens. O prato principal de um jantar pode-se modificar, receitas podem ser trocadas e visitas podem ter significados diferentes pelo fato de que histórias até então nunca contadas possam vir à tona, oportunizando, situações ainda não vivenciadas.

O lazer na sociedade, influenciado pela lógica do liberalismo, é oferecido muitas vezes para o simples consumo, este representado pela chamada indústria de entretenimento e pacotes de viagens, que assumem, em muitas situações, um papel de estimular o individualismo, à competitividade e ao consumismo.

A ocupação do tempo disponível das pessoas passa a ser algo lucrativo. Eventos fora de uma conjuntura, alheios a políticas de lazer, levam o lazer a ser tratado como mercadoria, como um produto exposto, no qual a satisfação, o bem-estar, o descanso e o desenvolvimento passam a ser vendidos. O consumo alienado desses bens e serviços contribuem para o crescimento dessa indústria e para a

associação do lazer a algo alcançável somente com dinheiro, ao pagamento do prazer.

Não significa dizer que o lazer só tem significado quando é público e, assim, quando ele não gera custos às pessoas, ou que o setor privado não oferece opções interessantes e atrativas de lazer, mas que a agregação do termo a algo inacessível reduz as possibilidades humanas perante o lazer.

O lazer, para as pessoas, pode estar ligado ou não ao consumo dos bens culturais. No caso dos professores da UFV, as suas práticas corporais, no sentido do lazer, em alguns momentos apresentam um custo para a sua realização (Figura 3).

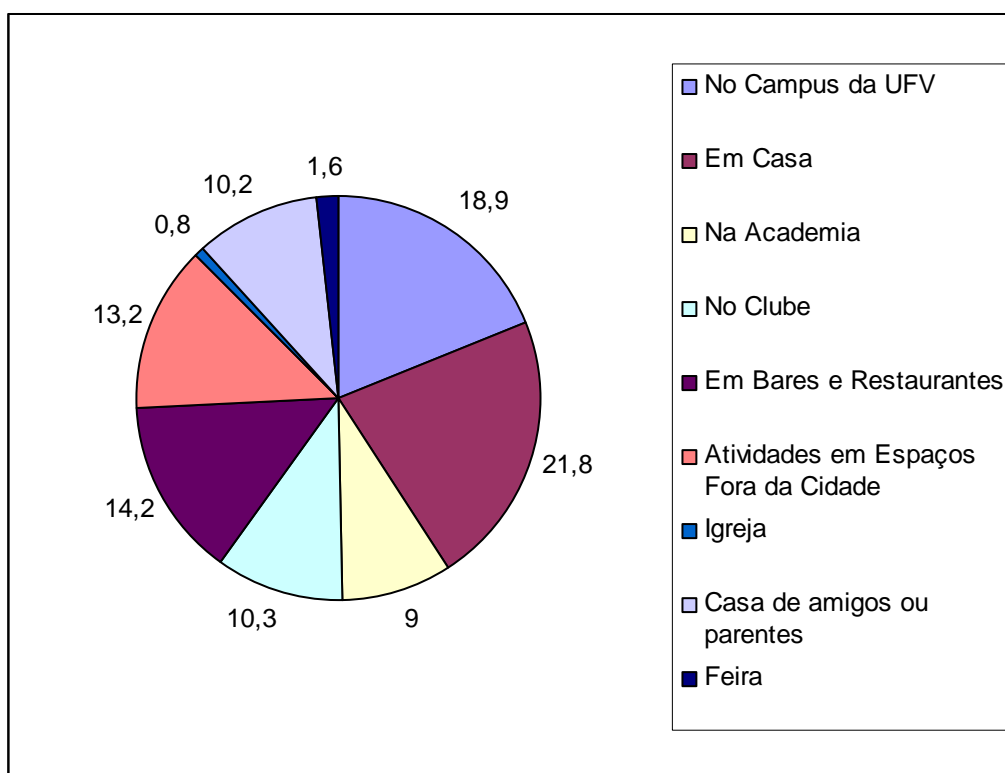


Figura 3 – Locais de realização das atividades de lazer dos professores, Viçosa, MG, 2008.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em Viçosa, os professores são grandes consumidores, com um poder aquisitivo diferenciado, se comparado a outros segmentos da população de Viçosa. Assim, eram um público interessante para clubes, academias, bares/restaurantes e demais estabelecimentos comerciais, principalmente se considerarmos a renda mensal desses professores, que é superior a R\$3.500,00.

4.5. Relações entre trabalho, lazer e família

4.5.1. Relações entre lazer e trabalho

Ao relacionar lazer e trabalho, 64,8% dos professores acreditavam não existir a relação, enquanto 31,8% confiavam na sua existência e 3,4% achavam que a relação se estabelece em alguns momentos.

Os professores que percebiam a relação entre lazer e trabalho expressa no seu cotidiano acreditavam que ela era estabelecida em razão de a atividade de trabalho e de lazer se localizar no Município de Viçosa, ou seja, o espaço geográfico aproxima essas duas esferas, como atestado nestes depoimentos:

A universidade é o local onde realizo minhas atividades de lazer. Assim, meu espaço de trabalho é, em muitos momentos, meu espaço de lazer. Enquanto caminho reflito sobre meu dia e tomo decisões (DEF, 51 anos, casado, dois filhos).

Gostaria de buscar atividades de lazer em outras cidades, mas o fato de ter minhas obrigações na cidade, fica muito difícil. Todos meus familiares são de fora, quase não tenho vida social aqui. Viçosa pra mim é lugar para trabalhar (DPF, 42 anos, solteiro, sem filhos).

A questão do espaço se relaciona intimamente com a cultura, ou seja, o lazer é entendido como possibilidade de produção de cultura a partir da vivência de conteúdos diferenciados e a questão da atitude, conduzida por essa apropriação histórico-cultural de gostos e preferências.

Trabalhar e “lazeirar” em Viçosa são condicionantes para que as famílias tenham relações de sociabilidade com o espaço, com o meio, seja através das pessoas que transitam em sociedade ou, mesmo, pelos equipamentos de lazer e de trabalho, sentimentos que compartilham das arestas que separam e aproximam esses locais.

Para 3,7% dos professores, o trabalho absorve todo o tempo, não havendo, pois, disponibilidade para a realização de atividades de lazer. Ou seja:

Trabalho com orientações em mestrado e doutorado, além de ser responsável por conselhos e projetos diversos. Assim, não tenho tempo para me distrair, pois preciso corrigir trabalhos e preparar aulas (DBG, 52 anos, casada, dois filhos).

Passo muito tempo no computador, seja com coisas do trabalho ou mesmo em sites de busca, procurando algo interessante que possa interferir em reflexões diversas sobre atividades do trabalho (DPF, 40 anos, solteiro, sem filhos)

Foi ressaltado, ainda, que o lazer alivia o estresse gerado pelo trabalho. Para 13,6% dos professores, essa relação entre lazer e trabalho é importante:

Me preocupo com minha saúde. Meu trabalho é muito estressante. Preciso estar preparado para conduzir minhas aulas, por isso frequento o clube, e, quando posso, realizo caminhadas na UFV (DVT, 54 anos, casado, duas filhas).

Meu trabalho requer das minhas capacidades físicas, meu corpo mostra como estou. Assim, encaro meu lazer principalmente como melhoria do meu condicionamento. Por isso, faço atividade física todos os dias (DES, 44 anos, separada, duas filhas).

Minhas atividades de lazer me fazem esquecer meu trabalho. Espairar me renova para trabalhar no dia seguinte (DED, 59 anos, solteira, sem filhos).

De acordo com Schmitt e Gonçalves (2004), a recomendação de atividade física para promover saúde está cada vez mais presente no cotidiano. Encontram-se diariamente, em programas de televisão e no âmbito institucional, profissionais da área de saúde que sugerem práticas de atividades físicas aos indivíduos para desenvolver e manter vida saudável, incumbindo-os de responsabilidade que, muitas vezes, não lhes compete. Diante dessa realidade, a problemática maior está no fato de que a relação saúde/atividade física ainda se revela contraditória. Apesar das evidências dos possíveis benefícios fisiológicos dessa prática, não se permite afirmar que atividade física promova saúde. A noção de saúde tem sido utilizada, principalmente, como ausência de doenças e, ou, como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade (LEWIS, 1986 *apud* PALMA, 2000).

Os sujeitos envolvidos nos momentos de lazer podem, também, fazer parte dos momentos de trabalho. É o que foi retratado por 22,1% dos professores que realizavam atividades de lazer com colegas de trabalho.

Pensar o lazer na perspectiva dos estilos de vida é uma forma de aceitar que ele se insere numa sociedade que traz consigo muitos constrangimentos relativos à apropriação do tempo, mas que, mesmo assim, nesse tempo, o indivíduo tem a possibilidade de realizar escolhas em busca de atividades que lhe dão prazer. Por sua vez, essas atividades envolvem, muitas vezes, algum tipo de investimento coletivo, o que significa que – para participar nelas, mesmo que voluntariamente, o indivíduo necessita adaptar-se e abdicar do que seriam talvez os seus interesses mais particulares. Com isso, mesmo em atividades realizadas voluntariamente no tempo livre e que dão prazer aos indivíduos, muitas vezes há obrigações, sem o cumprimento das quais elas não se sustentariam (STIGER, 2006).

As variáveis que possuem maior nível de associação positiva foram atividades realizadas nos momentos de lazer com colegas de Centro (0,68), atividades realizadas nos momentos de lazer com colegas do departamento (0,64), tempo destinado às vivências de lazer com presença de filhos, tempo destinado às vivências de lazer com renda familiar, locais onde as práticas são realizadas com sexo, companhias presentes nos momentos de lazer com presença de filhos, relação entre as práticas de lazer e a questão da família com as atividades realizadas nos momentos de lazer e relação entre as práticas de lazer e trabalho com o tempo dedicado às vivências de lazer.

Para 22% dos professores que acreditavam na relação entre trabalho e lazer, as atividades de lazer preparam para o trabalho. As vivências se processam de maneira dialética no que se refere ao aspecto tempo, e, assim, de acordo com o caráter e objetivos dos eventos realizados, as vivências do lazer podem virar trabalho.

As atividades que realizo no meu trabalho requerem raciocínio lógico e quantitativo, busco me preparar nos momentos de lazer para conseguir conduzir as atitudes corretas nos meus projetos e orientações (DF, 42 anos, solteiro, sem filhos).

Relaxar e aumentar produtividade no meu trabalho, aumentando minha disposição e tranquilidade frente às decisões e atitudes, bem como bem estar físico e mental (DPE, 42 anos, casada, uma filha).

Na mesma linha de raciocínio, a proximidade entre trabalho e lazer aumenta o tempo produtivo para 2,5% dos professores, enquanto para 2,9% dos docentes o trabalho pode ser encarado como lazer. Ou seja:

De maneira geral, meu trabalho não influencia meu lazer. Entretanto muitas vezes o trabalho é prazeroso. Por exemplo, a leitura e fechamento de um livro científico, sem data ou horário para terminá-lo, torna-se, para mim, um lazer” [DBG, 36 anos, casada, sem filhos]

Meu trabalho se relaciona com meu lazer em razão de possibilitar férias, feriados. Além disso no meu trabalho, tenho contato com informações que são úteis aos meus momentos de lazer como publicações de livros, lançamentos de filmes etc. (DEQ, 48 anos, casado, dois filhos).

Às vezes levo trabalho pra casa, o que me acaba deixando sem tempo livre para o lazer durante os finais de semana (DAH, 42 anos, casado, um filho).

Trigo (1998) fez referência a Marcellino (1990, p. 25) para mostrar que a questão do lazer não pode estar dissociada da problemática do trabalho. Ou seja:

Considerar apenas uma esfera da atividade humana, seja ela o trabalho ou o lazer, é entender o homem de maneira parcial. E muitos autores, fascinados pelas possibilidades abertas pelo progresso tecnológico, liberando tempo das obrigações profissionais, passaram numa atitude radicalmente oposta à “mitificação” do trabalho, a propor o elogio do lazer, como finalidade da existência e ideal de felicidade.

Assim, tem-se a proximidade entre lazer e trabalho exposta de modo a caracterizar essas vivências com grande proximidade, no que se refere ao tempo em que as elas se processam, ou seja, trabalho pode virar lazer e lazer pode virar trabalho, quando determinadas atividades comuns a ambas se dêem de forma dialética, bem como se a questão do trabalho interferir, de maneira educativa, nas vivências de lazer, seja possibilitando acesso a bens culturais ou, mesmo, dando base à consolidação de desejos e anseios.

4.5.2. Relações entre lazer e família

Ao relacionar lazer e família, 31,6% dos professores acreditavam não existir a relação, enquanto 62,8% estabeleceram essa relação e 5,6% acreditavam que a relação se estabelecia em alguns momentos.

No que se refere às circunstâncias das relações estabelecidas entre família e lazer, tem-se que 48,2% assumiam que, nos momentos de lazer, envolvimento por maior quantidade de tempo com a família são priorizados.

Passar momentos de lazer com a família significa compartilhar vivências, estreitar laços e situações vivenciadas em outros “tempos”, bem como compensar ausências estabelecidas nos pares, devido à rotina de trabalho dos professores.

As obrigações familiares, para 18,6% dos professores, é fato delimitante para que haja relações entre práticas de lazer e família, pois os interesses de integrantes da unidade familiar podem-se contrastar com escolhas estabelecidas pelos professores.

Os professores, em seus momentos de lazer, são, em sua maioria, acompanhados da esposa (o) (27,8%) e dos filhos (21,1%). A presença desses sujeitos demonstra a grande ligação entre família e lazer, pois figuras pertencentes à unidade familiar fazem parte dos momentos de lazer (Figura 5).

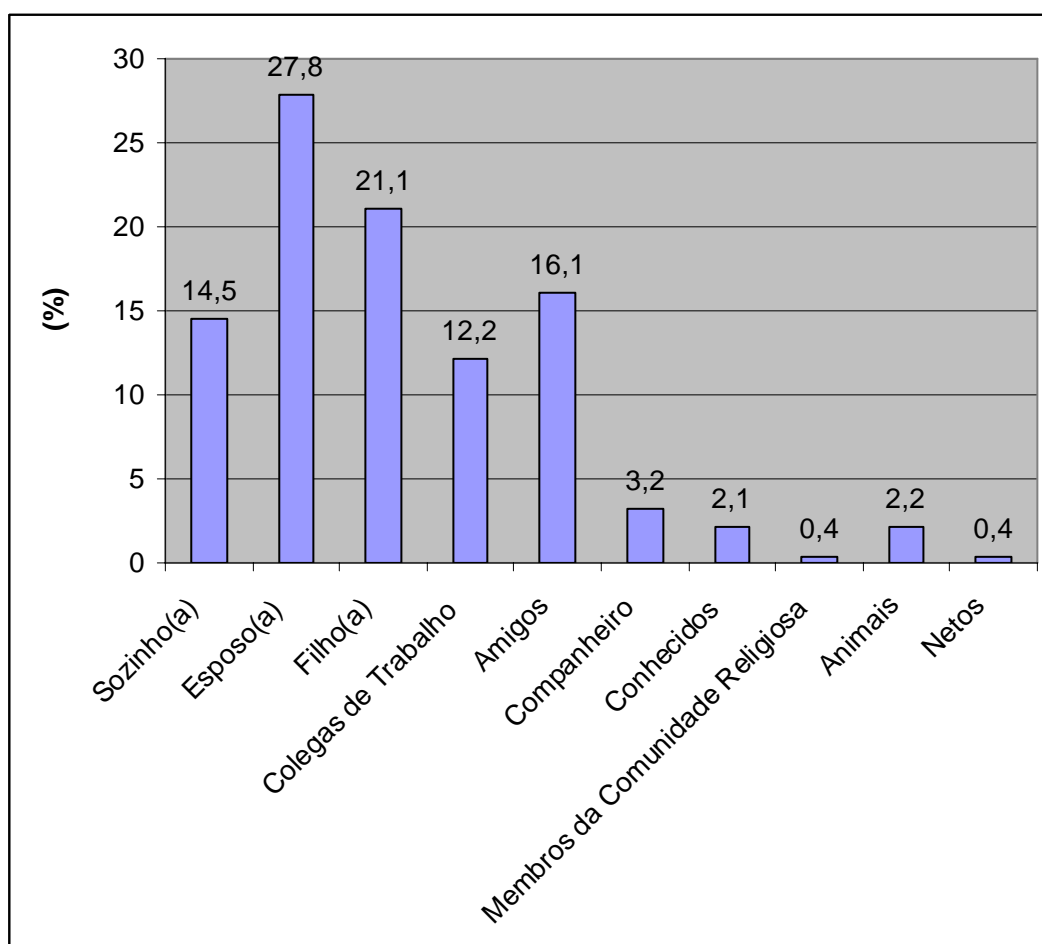


Figura 4 – Sujeitos com os quais os professores interagem nos momentos de lazer, Viçosa, MG, 2008.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao fato de se acreditar na relação entre família e lazer, 8,4% dos professores pertencentes à amostra ressaltavam que o espaço onde o lazer acontece é o local onde vivências diversas pelos membros familiares são realizadas. Ou seja, espaços como os locais de trabalho, as academias, os clubes, os restaurantes e bares, as escolas, a igreja e o espaço público são os locais privilegiados pelos professores, apesar de não serem locais específicos para esse fim e, sim, espaços de convivências atividades que podem ocorrer com ou sem a companhia de outros sujeitos, como esposo(a), filhos(as), colegas de trabalho, amigos, companheiro (a), conhecidos, membros de comunidades religiosas, animais, netos e sujeitos outros, que fazem parte do cotidiano dos professores, seja na esfera do lazer, seja em outras situações.

A estrutura familiar se apresenta tensionada por suas relações estabelecidas pela sociedade, ou seja, o meio interfere e é interferido pela forma como os indivíduos se apresentam, fato condicionante das apropriações e ressignificações dessas pessoas.

Como família é algo a que dou muito valor e importância, temos o hábito de compartilhar opiniões sobre lazer e buscar opções que minimizem as diferenças pessoais, com mútuas recompensas de lazer em oportunidades distintos (DAR, 38 anos, casada, dois filhos).

A relação entre família e lazer acontece, pois eu prefiro estas atividades porque as realizo há anos com meus pais, bem como na preocupação com meu relacionamento conjugal, a partir dessas atividades ([DFT, 44 anos, casado, dois filhos).

A maior parte de minhas atividades de lazer, visa justamente ao fortalecimento dos meus laços com minha família (DLA, 32 anos, solteira, sem filhos).

A proximidade entre os sujeitos é uma grande possibilidade dentro das vivências de lazer, sendo que questões como afetividade, presença, companheirismo, reciprocidade, entrega e cumplicidade estão presentes no que se refere à interlocução entre tempo livre e qualidade de vida da família.

A presença da família nos momentos de lazer do professor, enquanto reintegra laços e corresponde a expectativas, mostra interferência nas atividades laborais, conforme os seguintes relatos:

A família me apóia nas atividades realizadas por mim apenas (corridas), seja em competições ou treinamentos e participa

ativamente daquelas onde as demais atividades permitem (DEF, 47 anos, casado, duas filhas).

Muitas vezes tenho que adiar as atividades programadas (academias, festas, encontros, passeios com a família) para poder trabalhar (DEC, 52 anos, casado, três filhos).

Procuro nos finais de semana associar lazer e família. Durante a semana, o horário escolhido para atividade física não pode ultrapassar uma hora, pois tenho que pegar crianças na escola (DVT, 42 anos, casada, dois filhos).

Os momentos de lazer dos professores no âmbito da família podem-se relacionar de maneira positiva ou negativa com trabalho, permitindo vivências ou, mesmo, proibindo-as e, assim, impedindo possibilidades. As obrigações podem-se mostrar em muitos momentos como controladores desse tempo livre.

Assim, à medida que a questão das obrigações familiares e laborais se apresenta no cotidiano do indivíduo, a organização temporal se mostra correlacionada a questões pertinentes à estrutura dessa unidade familiar, bem como a características próprias da atividade de trabalho, permeadas a todo momento por questões de gênero e aspectos socioeconômicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cotidiano, as pessoas vivenciam diferentes situações – de trabalho, em busca da sua sobrevivência ou por procurar emancipação humana; de lazer, na qual o componente “obrigação” é deixado de lado; e familiares, que se referem às obrigações e responsabilidades, bem como aos momentos de lazer. Perceber e analisar o lazer no cotidiano dos indivíduos é um desafio necessário, principalmente para contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas nas esferas apresentadas.

Este estudo se propôs a verificar de que forma a questão do tempo e da atitude se apresenta na expressão do lazer no cotidiano pessoal e familiar dos professores da Universidade Federal de Viçosa. Para que isso fosse possível, objetivou-se caracterizar socioeconomicamente os professores da Universidade, as práticas de lazer, o tempo e atitude nas vivências de lazer no contexto familiar e laboral, bem como perceber a relação entre família, trabalho e lazer.

Com relação à caracterização socioeconômica dos professores, percebeu-se que a composição da unidade familiar apresenta influência na relação estabelecida entre trabalho, lazer e família. O fato de possuírem renda familiar acima da média-padrão do município faz que os professores se apresentem como consumidores em potencial de bens e serviços, uma vez que suas escolhas e interesses se relacionam com sua disposição orçamentária. Em outras palavras, a possibilidade de diversificação das experiências lúdicas se torna acessível para esse grupo devido à disponibilidade de recursos financeiros.

O entendimento de lazer dos professores estudados se apresenta como percepções construídas histórico-culturalmente. Ao detectar que esses docentes entendem o lazer como momento para vivências que proporcionem descanso, divertimento e descontração, eles deixam de forma explícita que as vivências estabelecidas no tempo de lazer possam compensar as mazelas do trabalho, permitindo uma preparação para tal. As atividades laborais, envolvidas por obrigações e com lógicas predeterminadas, instrumentalizam a utilização do lazer como estrutura de liberdade, objetivando bem-estar, satisfação e melhoria na qualidade de vida. É importante ressaltar que, para os professores, as vivências de trabalho estavam inter-relacionadas com as vivências de lazer. Assim, mesmo que de maneira inconsciente, trabalho e lazer para os professores estabeleciam relações dialéticas. Até que ponto esse inter-relacionamento pode trazer conseqüências positivas ou negativas para a qualidade de vida deles e de suas famílias? Confundir ou tentar concatenar esferas tão distintas é possível ou é um fator que pode causar mais estresse para os indivíduos?

A organização do cotidiano dos professores, no que se refere ao aspecto tempo, se condiciona pelo aspecto produtividade. O tempo de trabalho dos docentes não se restringe à jornada de trabalho estabelecida contratualmente. Sendo a quantidade de trabalho superior à disponibilidade de tempo, ela é regulada por metas estabelecidas, nas esferas de ensino, pesquisa e extensão, permeadas pela produção. Ou seja, este trabalho sofre processos de quantificação, atribuindo a ele escalas valorativas, em que metas cumpridas equivalem a pontuações específicas.

A supervalorização do trabalho em detrimento das atividades de lazer é fato marcante na amostra estudada. A quantidade de tempo dedicado ao trabalho extrapola determinados limites, sendo que “tempo de lazer” vira “tempo de trabalho”. As vivências de lazer dos professores são relacionadas a “tempos direcionados” e não a um tempo livre.

A liberdade das opções lúdicas, quando não é regulada por questões laborais, se relaciona com características do âmbito da família. As atividades cotidianas, necessidades, deveres e obrigações se inter-relacionam com as atitudes e organização temporal a que o indivíduo se subjeta. Conciliar trabalho, família e lazer pelos professores se torna uma tarefa complexa, uma vez que diversas expectativas entram em jogo.

A característica das vivências de lazer é traço contundente para perceber sua relação com o aspecto atitude. No cotidiano dos professores, os interesses originados nesses momentos definem os objetivos, a permanência e continuidade das pessoas em determinadas opções e escolhas, e agir diante do tempo livre no que se refere a escolhas se relaciona com a aproximação entre sujeitos e espaços, em dado tempo, ou seja, seja no trabalho, na família ou no lazer, a intencionalidade das práticas, permeadas por um constructo de sensações obtidas e fornecidas definirá a forma de ação diante das possibilidades de expressão.

Em face da lógica da universidade permeada de interesses e sentidos, que acaba se refletindo nas relações entre as pessoas, tem-se que considerar a identidade cultural dos professores, ao passo que esta penetra no dia-a-dia da comunidade, revelando novas práticas, formas de conagração, desejos e anseios, isto é, a produção cultural dos sujeitos cria hábitos e costumes, sujeitos a constantes ressignificações, acreditando na circularidade cultural, ou seja, questões como origem, faixa etária, sexo, área de formação, departamento vinculado e titulação caracterizam os sujeitos como seres dotados de singularidades, que darão sentido a determinadas atitudes e entendimentos.

A característica do trabalho do professor e os papéis estabelecidos por ele dentro da estrutura familiar revela a forma como o lazer vai-se relacionar com a família e com o trabalho. As três esferas exercem influência mútua na diretividade das ações dos sujeitos. As vivências estabelecidas apresentam vínculos com as estruturas que essas esferas apresentam aos indivíduos, ou seja, lazer, trabalho e família estabelecem conexões.

Desse modo, os professores da Universidade Federal de Viçosa consideram a existência do lazer, sem desconsiderar sua cultura e sua formação profissional, mas têm grande dificuldade em dedicar tempo a esse tipo de vivência. Trabalho, lazer e família estabelecem relações interligadas, e a questão do tempo e da atitude permitirá e dará direcionamento a prioridades, diante das necessidades, desejos e obrigações pertinentes ao indivíduo.

6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

A questão da ocorrência do lazer no âmbito da família dos professores da Universidade Federal de Viçosa é fato de merecedor destaque, uma vez que essa questão se relaciona intimamente com a qualidade de vida dos sujeitos, tendo em vista que trabalho, lazer e obrigações familiares se interligam de forma dialética.

O acesso às percepções dos professores sobre sua organização do tempo livre paralela às esferas do trabalho e da família permitiu perceber como esses sujeitos entendem esses fenômenos e de que maneira se relacionam com eles, de modo a construir, assim, suas vivências lúdicas.

Pensar a família em face das situações apresentadas no seu cotidiano se torna uma necessidade para a compreensão dessa instituição de maneira mais ampla, ou seja, esse tipo de enfoque permite diretividade nas intenções e desejos dos sujeitos e na maneira como que e se relaciona com os diversos estímulos recebidos em sociedade.

O enfoque na família por parte de estudos na área do lazer na maioria das vezes se aproxima da discussão das políticas públicas, no sentido de democratizar e possibilitar o acesso. Entretanto, estudos sobre a percepção do indivíduo sobre a relação estabelecida entre lazer, família e trabalho são escassos. Dessa forma, estudos sobre esses sujeitos de maneira multidisciplinar podem mapear suas ações e leituras do meio, enriquecendo o debate e dando consistência a constatações estabelecidas a partir do olhar do pesquisador sobre a realidade apresentada pelos indivíduos.

Este estudo foi restrito a professores da Universidade Federal de Viçosa, pertencentes a um universo específico, residentes em uma cidade do interior de Minas Gerais, com suas especificidades. Assim, não é possível a generalização dos resultados. Estudos em outras instituições poderiam apresentar dados significativamente diferentes no que se refere à relação estabelecida entre lazer, trabalho e família. O contraste entre universidades públicas e privadas e entre residentes em cidades de grande, médio e pequeno portes poderia ser dado pertinente de análise.

A fundamentação teórica do estudo se apresentou enquanto possibilidade de se aproximar dos dados encontrados de forma a produzir sentido a partir das percepções dos sujeitos, permitindo entender concepções e conceitos e, principalmente, relacionar as esferas envolvidas no estudo como parte constituinte do cotidiano dos professores estudados, ou seja, de modo interligado. Assim, como a fundamentação metodológica proposta para o estudo se apresentou de forma adequada, a utilização do *survey* se aplicou adequadamente ao universo amostral, em que se extraiu a população do estudo.

No que se refere à coleta dos dados, a própria questão de que os professores estavam em momento de trabalho quando eram abordados se apresentou como característica limitante do estudo, pois parte dos docentes não dispunham de tempo para participação do estudo. Em outras palavras, os afazeres do cotidiano já tinham determinado destino, e o fato de esses docentes se dedicarem tempo ao preenchimento do questionário, de certa forma, poderia interferir no desenvolvimento de suas atividades.

A dificuldade apresentada pelos docentes de relacionarem obrigações cotidianas e a questão do tempo foram verificadas mesmo quando os encontros com os docentes tinham horários pré-agendados, pois os professores atribuíam grau de importância a determinadas atividades, e a preocupação com a duração da aplicação dos questionários era uma constante.

Trabalho, lazer e família a partir dos olhares dos docentes da Universidade Federal de Viçosa, apresentadas neste estudo, se apresentam enquanto dados relevantes para a implantação/organização de políticas setoriais na instituição e, mesmo, no município, uma vez que essas esferas estão ligadas ao bem-estar do indivíduo, à sua qualidade de vida. Possibilidades de reorganização desse tempo

livre, acompanhada de uma política de oferecimento de atividades, se apresenta enquanto maneiras de contribuir para o desenvolvimento desses sujeitos.

Nesse sentido, sugerem-se para pesquisas futuras estudos que busquem estabelecer o entendimento da administração da Instituição no que se refere à importância do lazer, bem como a maneira como esse evento se relaciona com a questão do trabalho, percebendo-se, assim, maneiras de implementação de ações que democratizem e viabilizem a ocorrência dessa esfera.

7. REFERÊNCIAS

ALBARNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANDAKI, A. C. R.; SILVA, S. R. O lazer e seus conteúdos culturais em uma política Municipal - um estudo de caso. In: ENAREL, 14., 2002, Santa Cruz do Sul. **Resumos...** Santa Cruz do Sul, RS, Brasil: UNISC, 13 a 16 de nov. 2002.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: _____. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 15-77.

ARENDT, H. **A condição humana**. 8. ed. rev. Tradução por Roberto Raposo e Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Trad. por A. Mourão. Lisboa: Ed. Presença, 1972.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Esportes. **O Lúdico e as políticas públicas: realidades e perspectivas**. Belo Horizonte: PBH/SMES, 1995. 120 p.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. **Licere** – Revista do Centro de Lazer e Recreação/EEF/UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, set. 1998.

BLASS, L. M. S. Nas Interfaces do trabalho, emprego e lazer. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 41, p. maio/ago. 2004.

BORGES, J.G. **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa< MG: UFV, Imprensa Universitária, 2000.

BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2001.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-79.

BODEI, R. **A História tem um sentido?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, S. (Org.). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions du Minuit, 1980.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. **O campo econômico**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CAVALLEIRO, C. C.; SALGADO, M. Diadema: direitos que vamos construindo. In: MARCELLINO, N.C. (Org.) **Políticas públicas setoriais de lazer**. São Paulo: Autores Associados, 1996. p. 101-116.

CASTRO, L. M. **O imaginário sobre o corpo em uma comunidade de quebradeiras de coco-babaçu do Maranhão**. Viçosa, MG: UFV, 2003. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DA COSTA, L. P. Lazer e trabalho: um único ou múltiplos trabalhos? In: MULLER, A.; DA COSTA, L.P. (Orgs.). **Lazer e trabalho**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2003. p. 9-26.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMIANO TEIXEIRA, K. M. Administrar ou conciliar diferentes papéis? Um Estudo com Professoras Universitárias, Michigan, Estados Unidos. **Oikos**, Viçosa, MG, v. 15, n. 2, p. 57-88, 2004.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

- DE GRAZIA, S. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FARIA, A. A.; COSTA, M. A. M. O lúdico como instrumento na formação de uma consciência ideológica para o público infantil. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 3., 2002. **Coletânea...** [S.l. : s.n.], 2002. p. 83-89.
- FARIAS, R. C. P. **Nos bastidores da moda: um estudo sobre representações de vestuário e de imagem corporal por um grupo de pré-adolescentes**. Viçosa, MG: UFV, 2004. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOMES, R. **As questões de gênero e o exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GOMES, C. L. Verbete lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1989. (Biblioteca Tempo Universitário 84).
- KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, Heloisa Turini. **Conversando sobre o corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- KOWALSKI, M. **Apostila da disciplina estudos do lazer**. Viçosa, MG: UFV, 2007.
- KURZ, R. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LECHAT, N.M.P. Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata? Organizações e Movimentos Sociais. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v.2, n. 1, p. 123-140, 2002.
- LOPES, M.F. **O sorriso da paineira: construção de gênero na Universidade Rural**. Rio de Janeiro, 1995.
- MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCASSA, L. P. Lazer. In: FERNANDO, Jaime González; PAULO, Evaldo Fensterseifer (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005. v. 1, p. 255-259.

- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- MARCELLINO, N. C. Subsídios para uma política de lazer – O papel da administração local. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. p. 23-30.
- MARCELLINO, N. C. Lazer: concepções e significados. **Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG**, v. 1, n. 1, 1998. p. 37-43.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- MARCELLINO, N. C. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, H.; LINHALES, M. A. (Orgs.). **Sobre lazer e política – Maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 65-92.
- MASCARENHAS, F. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. **Licere – Revista do Centro de Lazer e Recreação/EEF/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 72-89, 2000.
- MASCARENHAS, F. Trabalho e educação física. In: FERNANDO, Jaime González; PAULO, Evaldo Fensterseifer (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. 1. ed. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2005. p. 406-409.
- MEDEIROS, E. B. **O lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MELO, M. P. Políticas públicas de esporte/lazer em São Gonçalo/RJ: uma análise crítica da atuação da secretaria municipal de esporte e lazer. **Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG**, v. 4, n.1, p. 80-95, 2001.
- MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- MOURA, M. B. N. **“Lá em casa tudo é eu”** – Um estudo sobre a atuação da mulher-mãe em famílias com membro portador de deficiência mental. Viçosa, MG: UFV, 2001. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. 112 p.
- PINTO, L. M. S. M. Lazer: concepções e significados. **Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG**, v. 1, n. 1, p.18-27, 1998.
- PINTO, L. M. S. M. Lazer e trabalho em busca da qualidade lúdica: desafio da Prefeitura Municipal de Betim/MG. In: ENAREL – LAZER, MEIO AMBIENTE E PARTICIPAÇÃO HUMANA, 11., 1999, Foz do Iguaçu. **Coletânea...** Foz do Iguaçu, PR, 1999.

PINTO, S. G.; SILVA, S.R. **Razão e emoção**: o lazer dos professores da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG: UFV, 2004. (Relatório Final de Iniciação Científica).

PIMENTEL, G. G. A.; RIBEIRO, M. das G. M. **Representações sociais e experiências de lazer entre os jovens da cidade de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, 1995. (Relatório Final de Iniciação Científica).

PIMENTEL, G. G. A.; SILVA, S. R. **Política municipal de lazer em Viçosa**: retrospectiva e perspectivas. Viçosa, MG: UFV, 1996. (Relatório Final de Iniciação Científica).

RIBEIRO, F. **Reminiscências de uma época**. Viçosa, MG: UFV, Imprensa Universitária, 1996.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. do C.B. de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, R. L. A.; ADORNO, R. C. F. Um ensaio sobre família(s) e suas intersecções. In: MARCELO, Labaki Agostinho; TATIANA, Maria Sanchez (Orgs.). **Família**: conflitos, reflexões e intervenções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. v. 1, p. 75-81.

SEGALEN, M. **Sociologia da família**. Tradução por Ana Santos Silva. Lisboa: Terramar, 1996.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SZYMANSKI, H. Teorias e "Teorias" de família. In: HELOISA, Z.; RIBEIRO, Gomes (Orgs.). **A família contemporânea em debate**. 4. ed. São Paulo: EDUC, 2002. p. 23-30.

THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina del trabajo y capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Crítica, 1979.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

VITALE, M. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

WERNECK, C.L.G. **Lazer e diversidade cultural**: perspectivas na formação e no mercado profissional. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p. 189-98.

WERNECK, C.L.G. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG/CELAR- DEF/UFMG, 2000.

WERNECK, C.L.G. O lazer na sociedade contemporânea: via de diferenciação entre classes e grupos sociais ou estratégia de mobilização e engajamento político? In: WERNECK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F. (Orgs.). SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 3., 2002, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2002.